

FELIPE BEZERRA

# QUEM ESTÁ LÁ?



*Em memória do meu irmão Antônio Gerson.  
Na certeza de que lembrar é uma forma de reencontrar.*

# SUMÁRIO

## Apresentação

1. O homem da lei avesso às leis

2. Saudades contada em versos

3. À beira da praia

4. Por onde anda a liberdade?

5. O tempo e o silêncio

6. A vida, as vontades e o preço

# APRESENTAÇÃO

Quando nasce o desejo de escrever um livro? Sempre ao ler outros autores me fazia essa pergunta. Uma vez, ouvindo uma entrevista da escritora Clarice Lispector, ela disse que pensava que o livro era uma coisa que nascia do nada. Apenas com o entendimento, que veio com o passar dos anos, Clarice compreendeu o papel do escritor e, com isso, decidiu que também queria ser como os que colocam nas palavras a vida. Tenho para mim que escrever é entender a importância e o papel de quem escreve. Nesse contexto, na minha vida e nas das vivências narradas aqui. Diferente da jovem escritora da cidade de Tchetelnik, na Ucrânia, eu não sei ao certo quando essa vontade surgiu, mas ela me acompanhou até aqui. Com ela, a enorme vontade de contar as histórias presente neste livro.

Falar sobre o sistema prisional do Brasil, é falar sobre o país que tem a terceira maior população carcerária do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos e da China. Dados do 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgado em 20 de julho de 2023 pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, constatou que o Brasil bateu um novo recorde e chegou a 832.295 pessoas presas no final de 2022. O total de presos é a soma de pessoas nos regimes fechado, semiaberto e aberto, em medida de segurança e em tratamento ambulatorial, além dos que estão em prisão domiciliar, com tornozeleira eletrônica ou não. O número representa um aumento de 257% desde 2000. O dado revelou, ainda, que a maior parte dos presos são negros, 68,2% dos casos, e tem de 18 a 29 anos, sendo 43,1%.

Para além de dados estatísticos é preciso compreender as histórias de vida desses indivíduos que por inumeráveis fatores e condições estão atrás desses grandes portões. Não para abrandar a motivação pela qual cada um está nesses locais, mas para entender as individualidades, caminhos do crime e de quem o comete.

Distanciados de afeto e acompanhados de saudade, alguns ainda usufruem da

companhia de visitas em alguns dias. Outros lidam com o abandono, com o esquecimento e com a ânsia do cumprimento da pena.

Em terras paraibanas, os dados do 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública mostram que, em 2022, o estado tinha 12.824 pessoas privadas de liberdade no sistema penitenciário e sob custódia. São 12.180 homens e 644 mulheres. Os números representam um aumento de 1,2% em relação a 2021, quando havia 12.612 pessoas, sendo 12.013 homens e 599 mulheres. Em um ano houve um aumento de 79% no déficit de vagas do sistema penitenciário. Em 2012, a Paraíba apresentava um déficit de 2.014 vagas e em 2022 o número subiu para 3.607.

Todos esses dados apontam em direção ao berço das fontes dessas histórias, em Campina Grande, no Agreste paraibano, a Penitenciária Regional de Campina Grande Raimundo Asfora, conhecida popularmente entre os campinenses como Presídio do Serrotão, que está localizada na Alça Sudoeste da cidade, precisamente na BR-230, sem número.

Estive no local pela primeira vez em uma tarde, cheguei exatamente às 14:52, de 8 de agosto de 2023. Estranhamente encorajado por leituras de escritores jornalistas como Daniela Arbex e Nana Queiroz, e dos relatos, como dito anteriormente, do médico e escritor Drauzio Varella. Essas histórias, ainda desconhecidas para mim, e a possibilidade de escrevê-las, me faziam querer estar ali.

Antes de chegar em frente ao presídio tive que solicitar autorização à Secretaria de Administração Penitenciária da Paraíba para poder entrar no local. Com o sim do órgão, fui em busca de histórias. O presídio está localizado em volta da Serra da Borborema, com grandes muros, muitas ladeiras e um grande portão preto, que sempre ao ser fechado os sons dos cadeados fazem lembrar onde se está. Para quem chega, há um procedimento padrão. Em um velho livro de capa preta, folhas amareladas e uma caneta presa a um cordão, o visitante descreve seus dados, entrega um documento com foto e assina. Após algumas perguntas do que eu estaria fazendo ali, um policial telefona para o Doutor Sucupira.

- Doutor, tem um rapaz aqui dizendo que marcou entrevista com o senhor.

Ao telefone, o diretor libera minha entrada. Ainda na ligação, o agente volta seu olhar para mim e diz.

- Ele está com celular, deixa subir?

Uma pausa. O policial pergunta.

- Vai precisar do celular?

Respondo que não.

- Ok, ele está indo, doutor.

O policial desliga o telefone. Um outro agente que está indo em direção ao mesmo local que o meu me oferece uma carona em uma viatura. Aceito. No pequeno trajeto, silêncio. Chego em frente ao prédio da administração, agradeço a carona e me despeço do agente, que segue caminho com suas atividades.

Para ter acesso ao diretor passo antes por uma sala ampla com um banco de pedra à minha direita, portas para o banheiros na minha frente e, ainda à direita, um corredor para outras salas. A cor que predomina em todos esses espaços é um bege meio amarelado. O meu destino está um pouco à minha esquerda após uma porta de vidro e uma sala com dois agentes, um homem e uma mulher, em frente a algumas papeladas e computadores.

O som das teclas das máquinas é interrompido pelo meu “boa tarde”, me identifico e falo que o diretor me aguarda. A jovem mulher, de estatura baixa, cabelos presos, uma arma na cintura e de uniforme preto se levanta, bate à porta do doutor Sucupira e me anuncia. Essa movimentação era meu primeiro contato com as histórias deste livro, a cada passo em direção a sala do diretor me sentia mais próximo da escrita e da necessidade de escrever algo sobre aquelas narrativas de vidas encarceradas por trás daqueles grandes muros no alto da Serra da Borborema. Entro na sala.

Ao meu aguardo o Senhor Lenni Sucupira. O senhor é força do hábito, Lenni é jovem, de um metro e setenta e cinco mais ou menos, de pele branca, cabelos pretos e olhos castanhos. Naquele dia utilizava o seu uniforme de costume, uma cor meio

amarelada, que se misturava às cores neutras das paredes do local. Na cintura, uma arma, ao lado da sua mesa em sua sala um grande fuzil, além de prêmios, fotos, uma bandeira com a logo do estado e outra da Polícia Penal.

Já era por volta das 15:30 quando deixo a reunião com Sucupira. A impermeabilidade do tempo nublado daquela terça-feira caminhava lado a lado com as histórias que eu vinha a conhecer tempo depois. No encontro com o diretor, alguns possíveis nomes, dados da unidade e um procedimento chamado “a triagem”.

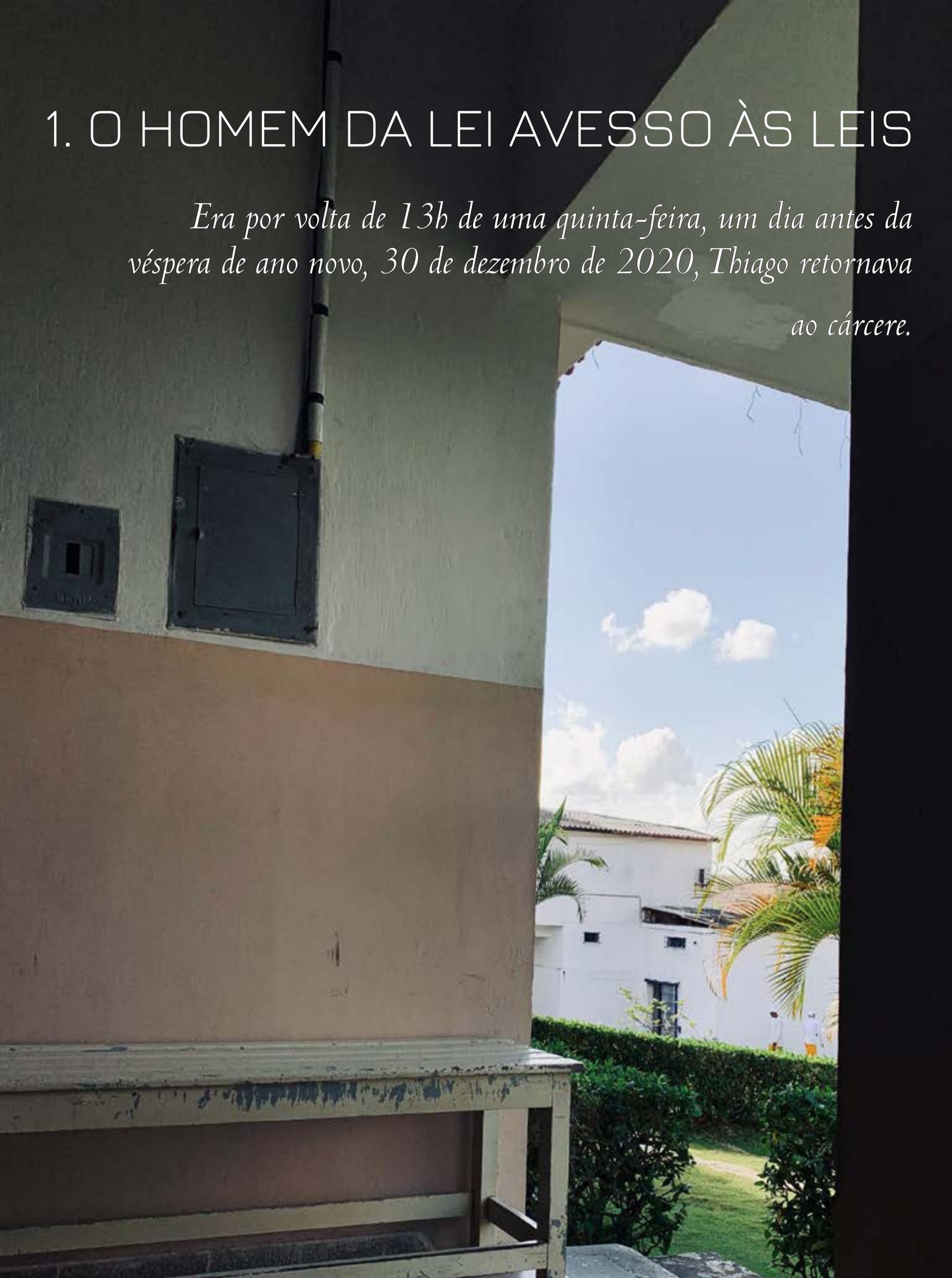
Aqui, é o começo de algo que o jornalismo me permite. Sem julgamento, pois a justiça já o fez.

*Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição.*

*Racionais MC's.*

# 1. O HOMEM DA LEI AVESSO ÀS LEIS

*Era por volta de 13h de uma quinta-feira, um dia antes da véspera de ano novo, 30 de dezembro de 2020, Thiago retornava ao cárcere.*



A vontade de cursar Direito surgiu aos onze anos de idade a caminho da escola no Centro de Campina Grande, em 1991. Thiago, hoje com 43 anos, possui o bacharelado em Direito e, em 2023, cursa uma pós-graduação em Direito Civil. O que talvez não fosse o sonho daquele menino, que cresceu entre os bairros do Centro e do Alto Branco, na Rainha da Borborema, seria a sua sala de aula. Preso por tráfico de drogas, o homem das leis parece ser avesso a elas. Não as cumpriu.

Encontrei Thiago, um homem branco, de um metro e setenta, com uma boa parte do corpo tatuado, no dia 10 de agosto de 2023, em uma tarde de quinta-feira. O reeducando usa, naquela tarde de sol, uma camisa do tipo regata, do lado do peito está escrito “Governo da Paraíba”, um short amarelo completa o uniforme do presídio. O detento usa uma sandália branca, um relógio de pulso e óculos de grau.

A nossa conversa foi em um local onde o campinense já está habituado diante do seu longo currículo escolar. Formado em Direito e com a pós em andamento, Thiago cursa também, na modalidade EaD (Educação a Distância), de dentro do presídio, uma graduação de Administração, a qual ingressou por meio do Programa Universidade para Todos (ProUni) do Governo Federal após a realização do Exame Nacional do Ensino Médio para pessoas privadas de liberdade e jovens sob medida socioeducativa que inclua privação de liberdade (ENEM PPL). O currículo do apenado fica um pouco mais extenso com sua primeira formação de Corretor de Imóveis, em 2015, com especialização em técnicas de transações imobiliárias, além de um curso profissionalizante de panificação concluído já no cárcere.

Estamos sentados de frente um para o outro, à nossa volta, cinco grandes estantes de livros. Ao meu lado direito há uma escada que dá acesso ao que parece ser um depósito. As portas são pintadas com um bege amarelado, o branco utilizado nas paredes complementa a neutralidade do ambiente. Na frente do prédio que estamos está escrito com letras grandes e azuis: Faculdade Paulo Freire.

Filho de um Engenheiro de Minas e de mãe com segundo grau completo, Thia-

go viajou e morou em diversas cidades das regiões Norte e Nordeste durante a adolescência. Essa rotina acabou aos onze anos, quando os pais resolveram se separar. Tempo depois, ainda aos onze anos, o jovem passaria por outra grande situação que se tornaria um de seus traumas na infância. Em uma manhã, brincando na rua com um dos seus três irmãos, o garoto que sonhava em ser advogado, presenciou o caçula da família ser atropelado. O acidente deixou o menino três dias em coma.

- Eu me lembro que isso me abalou muito porque, além de ter sido muito traumatizante o choque de ter visto ele ser atropelado, eu não imaginava como minha vida poderia ser sem ele. Depois dali, ele passou um bom tempo com um capacete ortopédico na cabeça. Como eu era o irmão mais velho, arrumei muita confusão com as pessoas que passavam e batiam na cabeça dele. Eu tentava defender.

Em seguida, Thiago decidiu morar na casa dos avós maternos, como uma tentativa de fugir das brigas dos pais, mesmo já divorciados. Fase esta, exatamente aos quatorze anos de idade, que ele conheceu a maconha.

- Eu sou usuário de maconha desde os 14 anos de idade. Eu fumei a primeira vez em 93 para 94, mais ou menos. Desde então, eu usei um bom tempo de maneira recreativa.

A vontade própria ou as invariáveis da vida fez com que, já cursando Direito, o antigo comerciante da rua Manoel Tavares, via popularmente conhecida pelos campinenses, fosse preso pela primeira vez no estado do Espírito Santo em 2013.

- Eu fui o famoso mula. Dentro do presídio eu fiquei sabendo que o cara me entregou. Então fui preso com uma mala dentro do bagageiro de um ônibus com 18 quilos de maconha prensada. A Polícia Rodoviária me tirou do ônibus e fui preso. Passei sete meses e dez dias presos no Espírito Santo.

Thiago conseguiu a liberdade após um alvará e seguiu sob medidas cautelares previstas no artigo 319 por um tempo, até transitado em julgado. Ele foi condenado a sete anos e dois meses em regime semiaberto. O que mudaria logo depois para oito anos e oito meses em regime fechado.

Já graduado em Direito, agora com o artigo 33 da Lei 11.343/2006 em sua ficha criminal, o paraibano deixou de estudar as leis para compreender como plantar maconha. Antes foi preciso convencer a esposa, que é psicóloga, a entrar em mais uma especialidade de Thiago em meados de 2019.

- Era para não ter que recorrer ao traficante para comprar. Porque, na minha concepção, eu gastava em média 500 reais em maconha por mês. O que dá seis mil reais por ano para a boca de fumo. Mas não era só eu, quantos milhões de reais o crime não faz por ano? Então eu decidi plantar.

O objetivo do bacharel em Direito era fazer como manda a lei, legalizar a sua plantação de maconha, cultivada no fundo do quintal da casa em que morava com a esposa e o enteado, no bairro Sandra Cavalcante, em Campina Grande. Entretanto, uma denúncia anônima foi mais rápida do que a sua vontade de legalizar o que era ilícito.

Nesta época, já em 2020, ano de pandemia, o jovem casal resolveu montar um restaurante de delivery na residência. O entra e sai de motoboys no local chamou a atenção dos moradores. Era por volta de 13h de uma quinta-feira, um dia antes da véspera de ano novo, 30 de dezembro de 2020. Thiago havia acabado de chegar em casa do supermercado e estava desfiando um frango para o salpicão, o casal havia vendido mais de 10 ceias para aquela noite. Até então, um dia de trabalho normal.

- Estava ali cozinhando, tomando uma cerveja e minha esposa foi entregar a última quentinha ao motoqueiro. Aí eu escutei ela gritando “socorro, Thiago”. Quando eu vi, era a polícia invadindo a minha casa. A Polícia Militar.

Ao entrarem na residência, localizada no Sandra Cavalcante, os policiais procuravam armas e drogas no local.

- Reviraram tudo e eu disse que não precisava. Levei eles lá trás e quando viram a plantação me colocaram de joelho e me algemaram. Sem necessidade, porque eu não iria apresentar resistência nenhuma.

Naquela tarde nublada de 30 de dezembro os agentes encontraram, além da

plantação de maconha, mais ou menos dez gramas da droga, segundo Thiago, de péssima qualidade, que havia sido comprada no bairro do José Pinheiro, popularmente conhecido como Zepa pelos campinenses. Para a residência foi acionada outra viatura, que levou esposa, marido e enteado para a delegacia. Lá, Thiago assumiu tudo para si e alegou que a sua esposa apenas concordou, diante dos laços afetivos que os uniam, a plantar a maconha no quintal da casa do casal.

Depois de nove dias na Central de Polícia de Campina Grande, incluindo nesses a virada do ano, o bacharel retorna a um local que já lhe é familiar. O som dos cadeados, a presença dos homens armados e a solidão do presídio não são estranhos para o menino que sonhava em ser homem da lei, mas que ao longo da vida, revelou-se avesso a elas.

A primeira passagem, em janeiro de 2021, foi pela Penitenciária Padrão de Campina Grande, onde permaneceu por quatro dias no chamado reconhecimento e até 23 de março de 2021 na cela 15 de baixo. No dia 25 de março, o campinense chegou outra vez em seu local de estudos mais improvável. O Serrotão seria, a partir daquele dia, um caminho de dualidades entre a penalidade e as oportunidades que Thiago recebeu, por vezes em liberdade, de estudar e realizar os sonhos do menino que brincava nas ruas do Centro e do Alto Branco na década de 90.

Na chegada, Thiago passou pela triagem do diretor da unidade, Dr. Sucupira, que decidiu que o detento deveria já começar a trabalhar. Com isso, Thiago passou um ano e seis meses como chefe do almoxarifado. A rotina de acordar cedo, assim como fazia quando podia andar em liberdade pelas ruas, a seguiu em sua nova realidade. Nessa época, uma das suas funções era liberar a carne que seria para o consumo dos presos e dos agentes. Em agosto de 2023, época dessa entrevista, fazia um ano e dois meses que Thiago estava como reeducando responsável pela Enfermaria.

- Eu acordo, faço a faxina na enfermaria para começar com tudo limpo. Faço o café e chá para os agentes e enfermeiras. Desço até a padaria, pego o pão pra gente tomar café, porque a gente mora lá na Enfermaria também. No caso, levo pão pra eu

e para meu assistente, que se chama Alan.

Os pacientes que a Enfermaria do presídio recebe estão acometidos, por exemplo, de tuberculose. Um velho problema do sistema prisional, que o acompanha com outra antiga discussão, mas que é atual: a superlotação dos presídios brasileiros. Em 2020, o Brasil registrou cerca de 77 mil casos da doença por ano e aproximadamente 11% ocorrem nas unidades prisionais, conforme tese realizada pela doutoranda da Faculdade de Saúde Pública da USP, Daniele Maria Pelissari. O trabalho de Daniele foi reconhecido no Prêmio Capes de Tese 2020 da área de Saúde Coletiva sobre a incidência da tuberculose nas unidades prisionais do país. Segundo a especialista, a transmissão é aérea e, apesar dos esforços em saúde para o controle da tuberculose em alguns presídios, a superlotação é o principal fator de disseminação. É nesse espaço que Thiago fica a maior parte do seu tempo à disposição das enfermeiras, dos médicos e do Chefe de Disciplina, para caso os profissionais necessitem de sua ajuda.

- Tanto para tirar um preso que precise ser atendido, como para pegar uma cadeira de roda para ir buscar um preso porque não está conseguindo andar devido a algum problema de saúde.

Essa é a rotina do detento até às 13h30, quando ele fecha a Enfermaria e segue para pegar o café e o pão para a tarde e o jantar. Antes de terminar seus serviços, o apenado tem que levar até o portão 3, limite onde ele tem autorização para ir, as insulina dos presos que necessitam do medicamento. O material é entregue a outro detento, chamado de “Chaveiro”, que se encarrega de levar até os necessitados a medicação responsável pela redução da glicemia. É realizada a aplicação. O preso retorna, entrega o material a Thiago. Isso ocorre duas vezes ao dia.

A divisão do presídio é demarcada para os reeducandos, como uma área de cima, onde ficam os prédios da administração, padaria, escola e entre outros setores. E área de baixo, onde se encontram os pavilhões. Na parte superior, ficam os presos que trabalham. É exatamente às 16 horas que o cenário por trás daqueles muros se transforma. A inquietude e a saudade de casa talvez se suspendam por alguns instantes,

permitindo a Thiago, ainda que com poucas esperanças, voltar no tempo e resgatar os que foram sonhos deixados de lado. De segunda a quinta, ele tem duas horas, até às 18h, para acessar as plataformas dos cursos que realiza. A graduação em Administração e a Pós em Direito Civil ocupa os finais de tarde de Thiago, que se coloca distante da criminalidade em algumas falas, na tentativa, talvez, de fugir de uma realidade que aquele menino jamais sequer sonhou. Ao término dos estudos, a rotina do presídio o embarca mais uma vez.

Os agentes batem nas portas, anunciando o fim de mais um dia. Para além de buscar uma profissão do lado de fora do grande portão preto, os estudos realizados dentro do sistema prisional podem reduzir o tempo de integralização da pena do detento, em alguns dias mais especificamente. Naquele fim de tarde os detentos se reúnem, um amarelado, longe daquele amarelado descrito nas paredes do local, predomina o céu, esse é mais feliz e vivo. Naquelas 18 horas, o céu queria lembrar que a vida corre lá fora. O tempo passa e a melancolia de um fim de tarde dura por alguns instantes. Os apenados descem, uma marcha de short amarelo e camisa branca, todos com mãos para trás, como de praxe. É a regra. Ao lado, segue a agente que me acompanhou mais cedo até a faculdade. O fim do expediente está próximo, pelo menos para ela.

Logo após esse percurso os agentes realizam a contagem dos presos, todos devem estar em seus lugares. Nesse momento, o som dos cadeados sendo fechados quebra o silêncio. Thiago, como chefe da Enfermaria, permanece com uma chave para casos de emergência, a exemplo de brigas entre apenados, algo comum no espaço. Há também um botão de emergência para acionamento dos policiais penais.

- Normalmente, quando eu tranco lá e estou com cabeça para estudar, o que não é sempre, apesar que eu passo a maior parte da minha noite lendo. Às vezes assisto uma tv, um jogo. A gente vive aqui em regime fechado, mas lembra muito como seria um semi aberto. Porque a gente passa a maior parte do dia soltos, em meio a agentes, advogados e estudantes que fazem visitas aqui. À noite, ficamos trancados.

O campinense reside na ala da enfermaria de número I, em um quarto individual revestido de azulejos com o velho laranja amarelado que insiste em predominar em todos os minúsculos espaços daquele local. Thiago divide as quatro paredes com um birô, onde fica o que lembra aquele menino e os seus velhos sonhos, os livros. Ao canto, um armário que ele utiliza como guarda roupa, além de uma televisão de 32 polegadas que é o mensageiro do mundo daqui de fora. Um ventilador para as noites quentes está ao lado de uma caixa de som onde toca músicas que o jovem guarda em um cartão de memória e uma cama de solteiro, onde ele deixa alguns dos seus sonhos ao acordar. Ao lado do espaço que guarda alguns de seus sonhos e pensamentos noturnos, vive o seu assistente, no quarto denominado de enfermaria 2. O local se completa com outras cinco celas que ficam fechadas, algumas com presos com doenças infectocontagiosas, outras com detentos, como diz Thiago, “lá de baixo”. Nesses casos, os cadeados são necessários, como manda o protocolo. Dois fogões, panelas e copos decoram o restante do espaço amarelado.

A alimentação não é muito variável, como relata o detento, mesmo diante de algumas ‘regalias’ de um preso que não está nos pavilhões. Por vezes, os detentos chamados de trabalhadores, ou “os lá de cima”, podem comer algumas frutas e hortaliças da horta cultivada no presídio, destinada à alimentação dos agentes. No mais, para além do que as visitas trazem, para quem as recebe, a comida à disposição é o que está fornecido pela cozinha da cadeia.

Para buscar um outro sonho que talvez seja o maior para Thiago, o detento participou, durante doze meses, do Projeto “Remição pela Leitura”, previsto na Lei Federal nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Na prática, os detentos tentam quitar parte de sua pena através da leitura mensal de uma obra de gêneros literários diversos. Sendo a remição o abatimento dos dias e horas de estudo do tempo total de condenação do preso.

- Eu fiz o Projeto Remição pela Leitura. Durante doze meses recebemos uma obra literária, a exemplo de autores como Augusto dos Anjos e Machado de Assis.

Tem trinta dias para o apenado ler o livro, depois vem todos aqui na Faculdade Paulo Freire para uma sabatina com o professor chamado João, da Universidade Estadual da Paraíba. Com cada aluno, individualmente, ele faz uma sabatina e você tem que fazer um resumo, com isso você tem uma nota atribuída. Se for acima de sete, você ganha quatro dias de remição. No caso, eu já fiz todos.

Em muitos momentos de conversa Thiago sempre busca um lugar distante para não se colocar como criminoso. O nível de estudo, as oportunidades que tivera ao longo da vida e a condição financeira em qual crescerá, talvez, contribua para esses posicionamentos de procura para uma nomenclatura que ele não consiga colocar para si.

- Eu nunca fiz parte do crime, como eles chamam aqui. Porque eu digo isso, eu nunca peguei em uma arma, nunca vendi droga, tá entendendo? Eu tô preso porque tava plantando [maconha] para mim. Então aqui dentro o que eu faço para me diferenciar de um criminoso é justamente trabalhar na unidade, estudar, não me envolver. Porque o que acontece quando você fica na parte de baixo da cadeia você fica sem ter muito o que fazer e acaba de certa forma se deixando envolver mais pelo ambiente. E aqui eu tive a oportunidade de estudar e trabalhar. Meu filho mais novo, de oito anos, pensa que eu estou viajando a trabalho. Já meu filho mais velho, de dezesseis, já sabe o que aconteceu.

Como uma forma de incentivar os filhos aos estudos, Thiago encaminha, por meio da sua esposa em dias de visitas, relatórios e os diplomas que consegue no presídio para mostrar e na tentativa, mesmo que de longe e por trás de muros, de ser um pai presente. Algo que o apenado diz que não deve e não pretende deixar é o uso de maconha.

- Aqui eu não tenho acesso, então o que faço é estudar, trabalhar e me manter dentro do padrão normal. Eu digo que fumei maconha pela primeira vez pelos ouvidos. Gosto muito de música desde de novo. Eu fui criado ouvindo Pink Floyd. Meu presente de 12 anos foi um cd de Guns N'Roses. Não necessariamente foi o que me

fez ir fumar, mas eu gostava muito do som e já entendia que as letras protestavam por algo que já nasce na terra, é uma planta.

O primeiro trago de Thiago em um cigarro de maconha foi em uma bebedeira com alguns amigos, quando ele decidiu que era hora de provar da dita planta da terra.

– Foi amor à primeira vista.

Essa frase é seguida de uma risada do apenado. Já no outro dia, Thiago se informou onde vendia a droga, ali iniciava-se o ciclo que o levaria por duas vezes ao local em que se encontra hoje. Ainda adolescente, o campinense foi pego duas vezes chegando em casa com a droga. Os pais questionaram, o conselho foi que o jovem não fizesse nada que o levasse a cadeia, o que de fato talvez não ficou claro para o homem da lei. Thiago é questionado se faria diferente.

- Não, eu só não teria feito essa missão de ir ao Rio de Janeiro, acredito que eu não estaria preso. Estaria preso pelas plantas em casa.

Quando foi preso pela segunda vez, o apenado não conseguiu o alvará de soltura justamente pela sua primeira condenação lá em 2014 pelo Tribunal do estado do Espírito Santo. O juiz responsável pelo caso de Thiago juntou as duas sentenças, fechando em 12 anos e oito meses. A previsão para a saída às ruas novamente é 16 de abril de 2025.

- Eu entrei na pós justamente porque vi que os advogados estavam deixando a desejar na minha defesa, então resolvi estudar. Aprendi a trabalhar com jurisprudência, vi uma brecha e escrevi um habeas corpus que está tramitando no STJ. O Ministério Público já foi favorável à anulação da minha prisão ou à desclassificação do artigo 28. Isso dando certo, esses quatro anos devem sair. É questão de tempo.

Tempo esse que, às vezes, parece ser infinito quando se está privado de liberdade. Mesmo tentando se ocupar com estudos e trabalho, Thiago está preso, pensamentos intrusos também o cercam. O passado retorna, o apenado relembra seu pior erro na vida.

- Meu maior na vida foi ter confiado nesse cara que me entregou.

Uma pausa para um suspiro. Silêncio.

- Ter ido ao Rio de Janeiro pra fazer isso, inclusive para outra pessoa, porque eu teria ido sozinho, como outras vezes, para mim, a possibilidade de ter sido preso seria muito pequena.

O jovem já havia sido abordado por policiais outras vezes com maconha, mas sempre em pequena quantidade, o que nunca o levou a prisão, até então. Thiago conheceu o seu delator em João Pessoa, capital paraibana, onde começou a trabalhar na pousada do 'amigo'.

- Morava em Campina, mas trabalhava em João Pessoa, aí deixei esse cara entrar na minha mente e cai na ingenuidade de entender que o mesmo risco de ir na boca comprar pra mim seria de trazer a droga de outro estado. Esse foi meu maior erro.

Na dualidade de maior erro e maior acerto na vida, Thiago coloca a esposa como o seu maior acerto. A psicóloga sempre esteve ao seu lado e aceitou a plantação de maconha no quintal da casa do casal, no Sandra Cavalcante em Campina Grande. Com 43 anos, ele ainda alimenta sonhos e possibilidades que tivera ainda adolescente. O próximo passo é o mestrado na Universidade Federal de Pernambuco.

- Eu quero muito ser professor de Direito Penal e usar meu exemplo de alguma maneira, nem que seja para meus filhos, positiva né, de alguma maneira positiva.

Novamente uma pausa e um silêncio o toma. O apenado tem alguns momentos de reflexão, o silêncio volta a ser quebrado com o pisar dos sapatos de cano longo de alguns agentes no corredor da faculdade.

O advogado já teve a oportunidade de defender um preso no chamado "Tribunal do Crime". O sistema justiceiro de alguns criminosos foi instituído no início dos anos 2000 por Marcos Herbas William Camacho, o Marcola, apontado como líder máximo da facção criminosa nomeada de Primeiro Comando da Capital (PCC). O setor de "disciplinas" do crime chegou às mãos de Thiago ainda na Máxima de Campina Grande, quando uma cela inteira se juntou para decidir a pena de um preso. Todos deveriam bater em um único homem. O advogado interveio e pediu que quem

não estivesse no momento da motivação da pena e que não tivesse nada a ver com o caso, também não participasse do ato de violência. Onde vários homens acabariam espancando um único indivíduo, Thiago conseguiu que apenas os dois envolvidos se resolvessem entre si.

- Eles têm um código de conduta bem rigoroso, mas rigoroso do que o código moral que a sociedade tem como parâmetro. Eles não admitem traição entre parceiros de negócios, por mais que eles vivem se traindo. É um mundo bem machista também. Não admite que mulher traia, mulher de preso, como eles dizem.

A conversação de Thiago sempre é desse lugar distante do crime, da prisão e dos demais que vivem lá. Sempre são 'eles lá'. A busca pela distância dessas nomeações cercam seu vocabulário.

- Eles têm uma lei que se a mulher, por exemplo, for mulher de algum deles que faz parte da facção e se separa, ela não pode mais se unir com alguém que faça parte do crime. Eles também têm uma regra em relação à visita, você não pode olhar diretamente para as visitas de outro preso. Pode pegar mal. Eles têm mania de dizer que é o certo pelo certo. É bem rígida.

É dentro desse convívio de incertezas e de brigas do mundo do crime, que o vício por algumas substâncias resistem ao encarceramento, como o cigarro.

- Já vi algumas situações meio engraçadas. Porque tipo assim, porque os caras, como eu moro na enfermaria, os caras só passando mal com problemas nos pulmões e não conseguem ficar um dia lá porque não tem acesso a cigarro. Os caras ficam ensandecidos, a tempo de querer matar você porque você não tem cigarro para dar a eles.

É nessas horas que o apenado deve e tem que demonstrar um pouca da autoridade que detém como responsável pelo local. Caso contrário, vira baderna.

O presídio em dias de visitas se torna um momento de esquecimento da realidade do cárcere, mas também dias para lembrar que a vida está passando do lado de fora. As visitas ocorrem intercaladas por dois domingos e dois sábados seguidos.

Thiago recebe visitas da esposa, da mãe e, por vezes, quando viável, do irmão mais novo. Além de visitas do pai, que também é advogado e consegue entrada no local em dias de semana e ganha alguns minutos de conversa com o filho no prédio da administração, localizado entre os presos de cima e os de baixo.

- Fico aguardando a visita entrar, tomamos café, colocamos as conversas em dia. Meu irmão quando vem gosta de andar, de conhecer outros presos.

A movimentação que quebra o cotidiano de alguns presos, não são todos que recebem visitas, tem início às oito da manhã e a entrada é permitida até às onze. O visitante pode sair a qualquer momento do presídio, geralmente os estrangeiros do local começam a sair a partir de 13h, sendo o horário máximo de retirada 16h. Caso passe do horário estabelecido nas regras, o visitante é suspenso. Quando o entra e sai, as conversas, a intimidade, os abraços e memórias lembradas acabam, a realidade do cárcere engole novamente aqueles homens. A noite cai diferente em dias de visitas, outros com o alívio de um dia com os familiares, outros sem isso, alguns com ainda mais saudades das ruas. As noites são mais longas para quem está lá.

Alguns dias depois de quando estive com o apenado, no final do mês de agosto de 2023, o Plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) discutia a descriminalização do porte de drogas para consumo próprio. A votação do tema que repercutiu em todos os formatos jornalísticos, nas conversas de calçada e até em igrejas, até este momento, contia cinco votos pela inconstitucionalidade da criminalização do porte de maconha para consumo próprio e um voto que considera válida a previsão do artigo 28 da Lei de Drogas (Lei 11.343/2006). O caso se estende junto às diversas opiniões diante da suspensão do julgamento com o pedido de vista do ministro André Mendonça. Mesmo que distante dessas discussões, a não ser pela tv em seu quarto e com o que as visitas contam, o advogado já tinha uma opinião sobre o caso antes mesmo da votação do STF.

- A guerra às drogas já nasceu falida. Se não fosse ilícita, se não existe o tráfico, não haveria necessidade de armar a polícia para tá lidando com bandido e o inverso.

O bandido não ia tá precisando se armar para lidar com a polícia e com o inimigo, o bandido concorrente. A comunidade só está armada até os dentes porque aquela mercadoria tem valor para ela. O poder paralelo toma conta. A guerra às drogas está falida. Dizer que o estado não sabe? No mesmo mês que fui preso, foi apreendido um helicóptero em uma fazenda de um deputado com 400 quilos de pasta base de cocaína. Quem foi que pagou? O piloto do helicóptero. Ai tu quer dizer que o dono da fazenda não sabia que estavam carregando cocaína dentro da fazenda dele, não? Quem é que ganha com a venda de armas? Com os projetos de segurança pública falidos de combate às drogas? Tem alguém que ganha com isso.

Já se passava mais de uma hora de entrevista, apesar de ser uma tarde de sol, o calor não invadia aquela sala. A conversa fluía, o andar nos corredores não dispersava o jovem advogado que defendia seu ponto de vista em relação à guerra às drogas. Ele lembra, novamente, de estar arrependido de ter colaborado com um traficante, de ter caído em seu papo. O arrependimento sempre o circula, como uma cobra à espreita do bote certo a qualquer momento. Thiago relembra dos filhos, os mais prejudicados segundo ele diante das suas ações.. Já faz um tempo que o campinense não os vê. A saudade é companheira. Apenas notícias nos dias de visitas para alimentar o mais pequeno sobre o trabalho misterioso do pai. Para a mãe, o menino diz que sente falta das idas à igreja junto do pai. O mais velho vive com a ciência da prisão do seu velho amigo, que está distante a alguns anos. Os muros daquele lugar acomodam as saudades.

- Os mais prejudicados são os meus filhos, pela falta física do pai.

Tendo os livros como companhia nos dias incertos e algumas propostas de trabalho para quando ganhar a liberdade, Thiago pretende levar do presídio duas amizades de agentes e duas de detentos, caso os encontre ainda na rua e uma única lição daquele lugar.

- Dar valor a sua liberdade. Porque eu tava livre e por causa de uma mancada minha, por achar que não ia dar em nada, fui preso. Se eu tivesse dado um pouco mais

de valor a ela, a liberdade, eu não estaria aqui. E se ficar pensando muito nisso, você surta.



## 2. SAUDADE CONTADA EM VERSOS

*Há quase dez anos sem receber visitas, o detento busca na escrita o alívio do esquecimento e a espiritualidade para as mágoas do passado.*

As chuvas de setembro ainda persistiam sobre a cidade de Campina Grande naquela tarde de quinta-feira, 19 de setembro de 2023. Era por volta das 15h45 quando cheguei novamente em frente àquele grande portão preto que esconde, no alto da Serra da Borborema, os relatos de vivências e sobrevivências aqui presentes, na tentativa de entender quem está naquele local. Agradei ao motociclista que me levara até meu destino. Pela pequena abertura de um outro portão menor, me identifiquei ao agente. Entrei, atrás de mim, escutei o som do portão se fechando. Durante aquela tarde nublada, três policiais conversavam sobre uma partida de futebol. O assunto distanciava o ambiente, quem lá vive e suas funções. Uma pausa, um silêncio. Realizo o procedimento padrão, entrego meu documento e assino. Apesar de serem outros funcionários da primeira vez em que estive no Serrotão, a impressão é de que sou alguém conhecido naquele local.

– Doutor Sucupira já está lhe esperando, pode subir.

Disse um dos policiais, de uniforme preto, pele branca, mais ou menos um metro e sessenta e cinco de altura. Ele pega o celular, visualiza algo e todos voltam a conversar. Eu agradeço, me despeço e subo uma pequena ladeira que separa a entrada e a parte da administração do local. O grande portão preto fica para trás.

Naquele dia em específico, o diretor do presídio não me aguardava, na verdade, ele estava em reunião com alguns servidores do governo do estado. Fui até sua sala, me pediram para aguardar. Voltei à entrada da administração, sentei-me em um banco de pedra próximo a porta. Queria ficar vendo a circulação dos reeducandos que vivem, em tese, como iguais em meio aqueles homens e mulheres armados. O uniforme e a postura do andar é o que os diferenciam. Logo abaixo ficam os pavilhões do presídio, na entrada, mais homens armados.

Neste momento retorno meu olhar em direção a parte de cima e vejo um grupo de dezesseis presos, todos de calça laranja, camisa branca e mãos para trás. O que os

diferencia, também, é a motivação pela qual cada um está neste ambiente. À frente do grupo seguia um detento com um sutil semblante de felicidade no rosto. Estranhei. Mas, pensei rapidamente que talvez a felicidade também visitasse a cadeia. Os presos chegam ao fim do percurso e um lado dos portões dos pavilhões se abre, o grupo entra, o som dos cadeados ecoa. Silêncio, homens armados, rotina. A chuva talvez caísse ainda naquela tarde.

Vinte minutos depois Sucupira chega, nos cumprimentamos. Ele solicita a uma agente que me acompanhe até a Faculdade Paulo Freire. Ela sugere dois nomes para as entrevistas daquele dia, entre eles o de Maerson. Acompanho a policial, subimos duas outras ladeiras. O terreno do presídio são longas ladeiras. No caminho, do lado direito, fica a vegetação da grande serra que está em volta do local. Por alguns momentos a beleza da paisagem nos faz esquecer de onde estamos. Chego na faculdade, atravesso um pequeno corredor com portas nos dois lados. À minha frente, dois homens quase da mesma estatura, mas de idades, histórias e de crimes diferentes.

O silêncio do local é quebrado pela pergunta da agente.

- Seu Maerson, o senhor está muito ocupado?

Um breve “não” responde a pergunta. Somos apresentados, ele concorda em falar comigo. Nos sentamos, coloco o microfone, apresento a proposta. Ele concorda novamente. Começo a gravação.

Nascido no Distrito de São José da Mata, no interior da Paraíba, em 1974, Maerson é filho de mãe semianalfabeta e de pai com ensino médio, que trabalhava como padeiro e pintor. A mãe era dona do lar. Aos seis anos, o pai do homem que senta timidamente na minha frente foi morto com cinco tiros por um policial militar, ficando, assim, órfão de pai ainda na infância. O responsável pelo crime era um tio de Maerson, irmão de sua mãe. Na época, o irmão mais novo tinha apenas seis meses de vida, os gêmeos tinham sete e a irmã quatro anos. O irmão mais novo do detento vive hoje sem quaisquer memórias do pai.

Sem o progenitor do lar, a família composta por cinco filhos e a senhora Maria

Alves da Silva se deslocam para morar em Campina Grande, em 1980. O autor do crime que tirou o pai de Maerson era vizinho da família. Não havia como permanecer no local. A mãe alugou a casa da família em São José da Mata e com esse dinheiro pagava o aluguel de outra no bairro Monte Santo. Pouco tempo depois, Dona Maria trocou a residência por outra, agora no bairro das Malvinas.

Diante das dificuldades para manter cinco filhos, comprar alimentação, pagar aluguel e todas as demais despesas, Dona Maria começou a trabalhar, por ironia do destino ou não, como empregada doméstica em uma casa de um policial. A residência do patrão ficava próximo ao Presídio do Monte Santo. Trabalhando diariamente, em horários abusivos, a mulher teve que colocar a filha em um orfanato para mulheres e Maerson, juntamente com um outro irmão, foram deixados no Lar do Garoto “Padre Otávio Santos”, no município de Lagoa Seca, há 8,8 km de Campina Grande.

- Nossa mãe ia buscar a gente na sexta-feira e voltávamos na segunda. Mas teve várias semanas que ela deixou de ir por motivos de trabalho, porque não podia faltar. E eu tive a ideia de dizer ao motorista da Kombi, que conduzia os internos, que nossa mãe estaria nos esperando no Ceasa. Eu menti. E deu certo o plano. Descemos no Ceasa.

Eram apenas duas crianças nas ruas de Campina Grande tentando ir para casa, ao reencontro da mãe. A falta do pai, a separação dos outros irmãos, o desespero por querer estar e se sentir em casa falaram mais alto nos dois meninos. Após descerem do veículo nas proximidades do bairro Jeremias, Maerson e seu irmão andaram até chegarem ao bairro Monte Santo. Para isso, Maerson teve a ideia de seguir um vendedor de algodão doce que passava constantemente na rua em que os garotos moravam.

- Um senhor que vendia algodão doce para anunciar a sua mercadoria ele batia com uma faca de mesa inox em uma garrafa de vidro, emitindo sons. Então eu raciocinei rapidamente e disse ao meu irmão pra gente esperar ele e acompanhar que a gente ia bater em casa. E justamente foi o que aconteceu.

Após mais um dia de trabalho puxado como empregada doméstica, Dona Maria

chegou em casa e avistou os seus filhos à sua espera. A mulher não conseguiu se conter e caiu no choro arrependida por ter deixado os filhos naquele lugar. Mas como poderia ser diferente diante da necessidade de sobreviver? E foi nessa incerteza e com o amor materno que a mulher prometeu que jamais os meninos retornariam para o Lar do Garoto, cumprindo, assim, a sua promessa. A vida foi se organizando, e logo depois, ela também tirou a filha do orfanato. Sobre esse período Maerson tem poucas lembranças. Mesmo com a ausência do pai, a família tentava se reunir novamente. Dessa época de infância, Maerson leva consigo alguns amigos, que inclusive estão presos na parte de baixo da cadeia, já outros, venceram na vida, como coloca o detento com um tom de arrependimento. A infância não foi uma época da vida fácil para Maerson e seus irmãos.

- Meu irmão Mateus, que era gêmeo do Marcos, ele era mais ativo, ele cuidava da nossa refeição. Nossa mãe ensinou a todos nós a cozinhar, porque ela tinha que se ausentar para o trabalho e a gente ficava só. Eu não tive muita brincadeira. Nessa época eu ficava mais trabalhando.

Em 1987 Maerson compreendia, vendo a realidade da sua família, que ele precisava trabalhar. Uma criança. Limpar quintal de vizinho foi por algum tempo a forma que aquele garoto encontrou para contribuir na renda da casa. Aos 12 anos ele conseguiu um emprego em uma padaria, a felicidade de uma criança em poder ter algum trocado foi interrompida por um acidente. Maerson perdeu quatro dedos em uma máquina de cilindro. Foi aos 12 anos que aquela criança começou a receber um benefício pelo INSS após o acidente de trabalho. Repetindo, Maerson tinha 12 anos.

Essa realidade descrita ainda assombra muitos na atualidade. Em junho de 2023, o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) afirmou que 702 crianças e adolescente foram resgatados em situação de trabalho infantil no Brasil entre os meses de janeiro e abril do mesmo ano. Quantos Maerson existem nessa realidade de fato?

Do fim dos 12 anos aos 13, aquele garoto teve como lar as ruas de Campina Grande.

- Eu era muito impulsivo. E minha mãe, da boca pra fora, como toda mãe nervosa, me expulsou de casa e eu levei no pé da letra. Passei dois anos no Centro da cidade dormindo debaixo de marquises, onde aprendi a cheirar cola e assaltar pedestres no Açude Novo e dormir ao relento.

Maerson vivia na companhia de um grupo formado por dez adolescentes, guiados por um jovem de apelido 'Dominó'. Todos tinham como lar uma casa abandonada. Foi em uma tarde de domingo, enquanto usava drogas e comia um pão com queijo, que o garoto ouviu pela primeira vez uma voz amiga que pediu para que ele parasse com aquelas ações. Já adulto, Maerson nomeia essas vozes que ouvira de "espíritos amigos". Uma em especial o acompanha até hoje, para ele, o espírito de um indivíduo chamado Manoel de Alcântara. Maerson tem a espiritualidade como seu porto seguro para amenizar o passado e as mágoas que carrega consigo.

- Eu aprendi no Espiritismo Kardecista que é um espírito ajudador que todos nós temos. Ela me disse que eu ia sofrer muito na minha vida, mas que era preciso e que no final tudo daria certo.

Agora com 14 anos, o menino decide retornar para casa, seja por causa da voz amiga ou por arrependimento.

- Quando eu me deparei com a realidade e meu cérebro já estava funcionando, na pré-adolescência, eu resolvi retornar para casa. Nesse retorno eu fui bem acolhido, minha mãe me abraçou, choramos juntos.

Foi nesta época que Maerson retornou a um local em que insistia que não seria para ele. Seja porque começou a trabalhar desde cedo ou por falta de afinidade com os estudos, mas a escola nunca foi o seu espaço favorito. Os corredores do colégio Severino Cruz, no bairro Monte Santo, não o via com frequência. A única coisa que o ligava aos estudos e que insistia com que ele não parasse de ir naquele local era a leitura. Foi e é a leitura e a escrita que salvam os dias mais confusos do preso. A poesia o acompanhou no caminho da vida, em meio a solidão, se fez amiga.

- Com os 17 anos eu descobri que tinha o dom de poesia, de poeta.

Entretanto, a sala de aula deu lugar às ruas de sol alto, das manhãs nubladas e das tardes quentes. Em trabalhos como o de descarregar caminhão de tijolos, Maerson buscava sempre uma maneira de ter algum trocado.

- Os professores iam à minha casa e pediam que minha mãe não me deixasse faltar. Ela respondia que não podia fazer nada, ela me mandava pra escola e quando eu chegava era com um trocado para ajudar e com as mãos rasgadas de descarregar tijolo. Eu já tinha consciência de que minha mãe precisava de ajuda.

Em 1998 a mãe de Maerson decidiu ir embora de Campina Grande para o estado de São Paulo. Foi com a ajuda do filho, que deu à mãe o valor de R\$ 4 mil reais, que a mulher pagou algumas dívidas, comprou a passagem e deixou as terras paraibanas. Na época dessa entrevista, a mãe de Maerson residia na cidade de Goiânia, no estado de Goiás, ao lado dos dois irmãos gêmeos. A sua irmã mora no interior de São Paulo. Mesmo com tantos esforços e diante de muitas dificuldades, com o passar dos anos, a família acabou se separando novamente.

Distante da mãe, o reeducando alugou um quarto para dividir a vida com uma mulher que havia conhecido. O casal ficou um período juntos, até a separação. Maerson conta que agora essa ex reside na Alemanha. Morando sozinho no Monte Santo, Maerson recebeu a notícia, por parte proprietária do imóvel, que ela precisava do espaço de volta e que o jovem, agora com 20 anos, teria que ir embora. Foi quando ele decidiu retornar ao local que deixou aos seis anos de idade após o seu pai ser morto. Era tempo de retornar a São José da Mata.

Lá, o homem foi residir na casa da avó, que o recebeu. Dona Josefa partiu tempos depois, aos 93 anos.

- A casa da minha vó era vizinha a do meu tio que era da polícia e que matou o meu pai. E ficou aquele mal-estar entre eu e ele. Eu não estava pensando em vingança, mas na mente dele eu tava crescendo e já foi um receio para ele. Minha mãe me aconselhou a ir morar em Brasília. Chegando lá eu não me adaptei e quis voltar.

Desistindo de morar em Brasília, o homem voltou à Paraíba. Em São José da

Mata ele construiu uma casinha em um terreno que recebeu de herança do pai falecido. No local, Maerson passou a residir com uma outra mulher que havia conhecido, a mãe dos seus dois primeiros filhos. A separação bateu à porta da pequena residência. Não se passou muito tempo e outra mulher chegou. Esta mãe dos outros três filhos do detento.

Foi nesse período que Maerson esteve pela primeira vez em uma cela de cadeia. Em 2006, preso por porte ilegal de arma de fogo, o detento passou seis meses no Presídio do Monte Santo.

- Eu estava andando armado porque o sítio que eu morava era muito esquisito e na época estava havendo muitos assaltos a pessoas que tinham suas agriculturas. Eu achei que a melhor maneira seria me defender, legítima defesa.

Em liberdade, o homem decidiu que a vida precisava se refazer e que talvez o distrito de São José da Mata não fosse, de fato, o seu local. A família resolveu então se mudar para a cidade de Soledade, no Cariri paraibano. Foi por lá que Maerson começou a formular os seus primeiros versos. Com o material, ele conseguiu uma participação, aos domingos, em um programa de rádio chamado 'Porteira Aberta', apresentado pelo poeta Juarez Figueira de Goes. O objetivo do programa era resgatar os chamados artistas da terra.

- Na primeira declamação que fiz ele gostou demais e me convidou a todo domingo estar lá. Tive até uma experiência como radialista, porque em uma das suas ausências eu fiquei dominando o programa.

Isso acabou quando, em 2008, a sua terceira esposa estava prestes a dar à luz a filha mais nova do detento e queria, neste momento, estar próximo dos familiares. Era, novamente, tempo de voltar a São José da Mata. Entretanto, esse retorno marcaria o terceiro acontecimento na vida de Maerson na localidade. Primeiro, a morte do pai aos seis anos de idade, seguido da sua primeira prisão por porte ilegal de arma tempos atrás e, agora, um caso de homicídio. As terras de São José da Mata foram, para aquele homem, um berço de desencontros com a paz.

Residindo com a família novamente no distrito, em um certo dia, um homem, conhecido na região como Paulinho Cabeção, arrombou a casa de Maerson.

– Eu fui tomar satisfações para que ele pagasse o prejuízo. Ele com raiva, insatisfeito, decidiu comprar uma arma e me matar. Foi quando teve uma luta entre nós dois e eu desferi um golpe com uma lâmina nele e, infelizmente, ele faleceu.

O homem deixou a vida que tentou construir para trás e durante seis anos passou foragido na cidade de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte. Em 2014 ele retornou a Campina Grande para rever os cinco filhos que tem com as suas duas ex-esposas. Há três meses pela cidade, Maerson aproveitou esse período para visitar alguns amigos. Durante uma prosa com os velhos conhecidos na Praça Clementino Procópio, exatamente em 6 de março de 2014, por volta das 14h, o homem de muitas tatuagens apenas ouviu a voz de um PM dizendo que ele estava preso, acusado pelo crime de homicídio. Sem reação, Maerson apenas colocou as mãos na cabeça, foi algemado e encaminhado para a Central de Polícia de Campina Grande. Da Central, o detento foi encaminhado para trás do grande portão preto do Presídio do Serrotão.

O Serrotão é para esse homem sinônimo de solidão e saudade. O reeducando estava, na época da escrita desse livro, há nove anos e sete meses sem receber nenhuma visita. Esse tempo justifica o nome do seu segundo livro: “Eu, os versos e a saudade”, que deve ser publicado ainda em 2023 para o início de 2024. É por isso que a poesia se fez amiga e companheira, além da espiritualidade.

- Esse tempo tem sido um pouco deprimente, mas como eu falei essa ajuda que eu tenho espiritual, de Natanael de Alcântara, tem me dito muita coisa, tem me conformado. Porque humanamente eu posso estar desprezado, mas espiritualmente não, porque Deus nunca despreza os seus.

Neste momento, Maerson aponta para trás de onde estou sentado e me mostra o primeiro cordel que escreveu já dentro do presídio. Intitulado “Inácio mão de onça e a vida no cárcere”, as páginas retratam a vida de solidão, de vivências e de quem sonha com a liberdade. Com isso, Maerson já teve a oportunidade de sair do presídio para

participar de eventos como declamador de poesia.

- O que eu penso daqui pra frente é seguir minha vida de cordelista, de poeta declamador.

Quando Maerson foi preso seu filho mais novo tinha apenas seis anos de idade, a mesma idade em que o detento ficou órfão de pai. A história quis se repetir, mas de uma outra forma. Quando me encontrei com Maerson já haviam se passado quase dez anos sem o detento ver e acompanhar o crescimento dos seus filhos. A última lembrança da filha tenta resistir ao tempo, mas talvez ele não a reconheça se a encontrasse na rua, assim como ela, talvez, guarde poucas lembranças do pai.

Tendo a saudade e a solidão agora como velhas amigas, além da feroz necessidade de ocupar a mente no presídio, o detento retornou a estudar e tenta agora concluir o ensino médio para prestar o ENEM 2023.

- Retornei a estudar porque eu vi que a ociosidade e o sedentarismo de ficar só olhando para as grades da cela e paredes não ia me levar a nada, a não ser crescer um quadro pior de depressão. Os estudos ajudam a aprimorar nossos conhecimentos e conseguir alguma coisa.

Quando adolescente foi a paixão pela escrita e pela leitura que o fizeram retornar algumas vezes à escola. Essas motivações também o acompanharam no cárcere.

– Como eu me identifico como poeta popular preciso de muito conhecimento para formular meus versos, declamações e porque eu gosto também muito de literatura e de arte.

A produção dos cordéis só foi possível quando o preso saiu dos pavilhões e foi para a área de cima da cadeia, quando iniciou os trabalhos como zelador, na Faculdade Paulo Freire, em fevereiro de 2023.

No local, onde o preso passou nove anos, cada pavilhão é dividido em lado A e lado B, cada qual abrigando mais de sessenta homens. Nesse espaço, há apenas quarenta camas, vinte de cada lado. Nessa realidade, os colchões ganham o chão do presídio, juntamente com o tumulto, a insalubridade e as condições desumanas.

- Lá era um pouco perturbador. Quando eu cheguei aqui a cadeia era muito atribulada com as rebeliões. Uma vez em um conflito com os agentes, um detento que a gente chamava de Zé Bebe tomou um tiro na cabeça. Outra vez, um detento em uma briga arrancou a cabeça de outro e veio com ela na mão. Aquilo foi muito marcante.

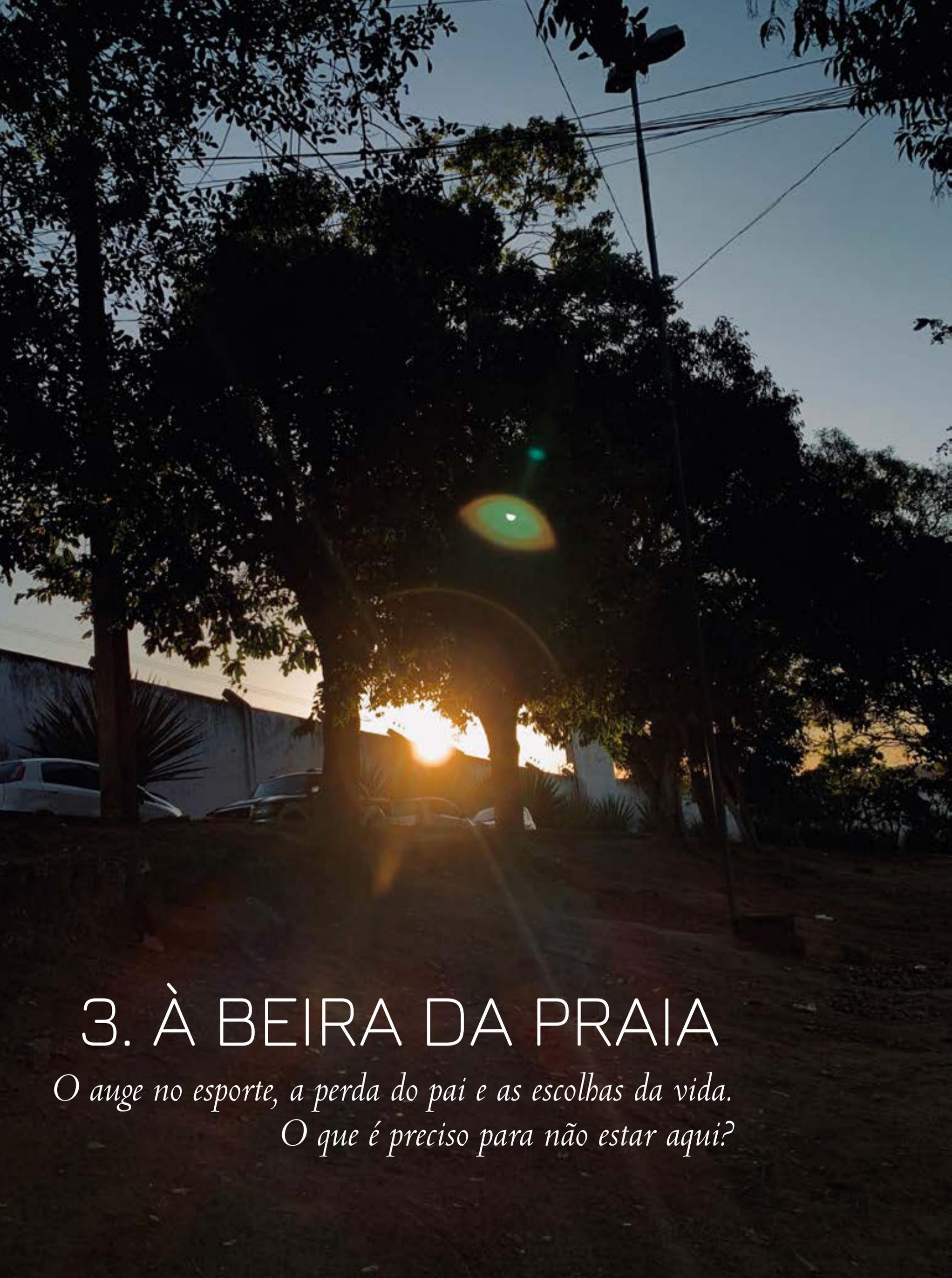
Deixando para trás a vivência nos pavilhões, a rotina do detento mudava, a cabeça se ocupava com algo, a saudade e a solidão quase podiam ser esquecidas, quase. A nova rotina é lembrada por uma chave que ele tem em um cordão pendurado no pescoço, a chave do novo espaço que divide com outros dez presos que trabalham no presídio.

– Passei a morar em um canto mais apropriado, menos insalubre, que a gente denomina de serviços gerais. É uma casa, moram dez detentos trabalhadores. E nessa casa tem dez quatinhos.

Nesse espaço, Maerson divide, juntamente com os seus quase dez anos de solidão, alguns livros, uma televisão, que, como ele diz, usa apenas para ver o necessário nos jornais. Uma das suas leituras, no momento, é do escritor Paulo Coelho. Os novos ares também geram um novo pensamento acompanhado com arrependimento.

- Se eu pudesse voltar no tempo eu evitaria ter matado esse rapaz, de ter usado droga, de ter saído de casa e ter parado de estudar. O meu maior erro é não compreender certas coisas que aconteceram comigo. A solidão perturba muito.

Chega ao fim minha entrevista com o detento, ele me pede para aguardar e sai a procura de uma caneta. Pede o instrumento a um agente que se encontrava no corredor da faculdade. Retorna, autografa o seu livro de cordel intitulado “Inácio mão de onça e a vida no cárcere” e me presenteia com o livreto. Agradeço.



### 3. À BEIRA DA PRAIA

*O auge no esporte, a perda do pai e as escolhas da vida.*

*O que é preciso para não estar aqui?*

Já era por volta das 17h de 19 de setembro de 2023. Os passos entre a área da cozinha e a saída da Faculdade Paulo Freire mostravam que o tempo corria, já era quase hora de sair dali. Não podia passar das 18h. Na sala onde fica a biblioteca da faculdade entra um homem de baixa estatura, branco, de barba e loiro. Sua vestimenta o identifica como presidiário, calça laranja e camisa branca. Ele usa um chinelo, um relógio de pulso e o braço esquerdo fechado de tatuagens completam a imagem do homem que entra naquela sala.

Diferente das demais histórias escritas aqui, que fui apresentado a elas e conversei para saber se os donos dessas narrativas gostariam de estarem aqui, Havid, de 33 anos, me procurou. Disse que gostaria de falar, que eu poderia contar com ele para esse trabalho. Claro, concordei, queria ouvi-lo.

Natural da capital paraibana, João Pessoa, Havid cresceu morando em casas à beira da praia. De família de classe média, sempre frequentou escolas particulares. Filho único, aquele menino de boa vida teve a infância na companhia dos primos, entre a casa dos pais e a dos avós maternos. Até a segunda série, Havid estudou em uma escola pertencente a uma tia, a convivência com os familiares sempre foi algo vivido pelo jovem. Foi a saída dessa escola que, segundo ele, a sua história começou.

- Quando eu saí da escola da minha tia para outras escolas foi quando eu fui vendo outras situações, focos, outras pessoas. A educação que já não era mais rígida, abriu os olhos para outras coisas. Foi onde eu fui dando trabalho em casa. Fui me envolvendo com outras pessoas e vendo o lado errado da vida, maconha, loló e festas.

Foi nessa época, entre os anos de 1999 a 2006, que o detento, surfista desde os cinco anos de idade, começou a viajar sem a companhia dos pais para os campeonatos de surf no litoral da Paraíba, do Rio Grande do Norte e no estado de Pernambuco. A liberdade que os pais lhe permitiam era a conquista do garoto e talvez ele ainda não a soubesse domesticá-la.

- Eu viajava em uma quinta e voltava no domingo, foi onde também prejudicou

meus estudos. Eu reprovei a terceira e quarta série. Depois fiz supletivo para a sétima. Fiz de novo para o primeiro ano, reprovei. E fiz novamente supletivo para terminar os estudos. Então meus estudos sempre foi pulando as séries para terminar o mais rápido possível.

Há uma pergunta, um silêncio e um sorriso de canto que demonstra saudades e a vontade de que tudo aquilo tivesse sido diferente do que é. O detento em suas lembranças recorda do auge da carreira como surfista, do reconhecimento que vinha conquistando no litoral paraibano entre os anos de 2001 a 2003. Das procura das emissoras para entrevistas, dos prêmios, a exemplo dos circuitos paraibano e nacional. Ele sente saudades do status social de atleta reconhecido, a vontade era de crescer na modalidade esportiva. A liberdade que o controlava, a separação dos pais, a ida da mãe para morar nos Estados Unidos em 2005 e o falecimento do pai em 2012 são pontos que marcam a história de Havid, além do motivo pelo qual ele está no Serro-tão.

Com a separação dos pais, o jovem atleta, com apenas sete anos de idade, passou a residir com a mãe e aos finais de semana estava na casa do pai. Rotina esta que desagradava a mãe do garoto. Na casa do pai, o ambiente era de uma residência de um homem solteiro que gostava de curtir, de levar outras mulheres para o local e de usar maconha. Não apenas nos fins de semana, essa situação era constante, de domingo a domingo, conforme relato do detento. Já com a mãe, o garoto tinha um espelho do que queria ser, além de um exemplo no esporte.

– A relação com a minha mãe sempre foi melhor, ela também era surfista, gostava de pedalar. Ela vivia viajando pedalando. Com ela sempre foi mais tranquilo, com meu pai intrigava, fazia as pazes, intrigava de novo, fazia as pazes. Até quando eu fui para os Estados Unidos, morei por lá uns 3 anos, fui intrigado dele.

Havyd retornou ao Brasil em 2011. Chegando em João Pessoa, ele encontrou o seu pai, homem de festas, completamente mudado diante daquilo que já havia sido um dia. O homem que anteriormente trabalhava com ações telefônicas, não apenas

deixou a profissão, o agora corretor de imóveis havia se convertido. Os dois conversaram e fizeram as pazes. Havid fez uma escolha e foi morar com o pai, onde também começou a frequentar a igreja evangélica. Não demorou muito tempo, o chamado também chegou para o detento, Havid se converteu.

- Aí eu conheci uma namorada na igreja, noivei e meu pai faleceu.

Logo após o falecimento do pai, o jovem recebeu a sua parte da herança, dinheiro e casa. Era também a chance de recomeçar a vida mesmo diante da perda e da saudade. Havid fez outra escolha, começou a se distanciar da igreja, a trair a noiva e largou um trabalho realizado pelo pai anteriormente com dependentes químicos. Em pouco tempo o jovem deixou a noiva e largou de vez a igreja que começou a frequentar junto do pai. Retornou com as amizades antigas que havia deixado quando foi embora para os Estados Unidos.

- Voltei a fumar maconha, voltei com os contatos do crime e a vender cocaína.

Entre cinco a seis meses na nova vida que escolheu após a morte do pai, o detento conheceu o cárcere. Essa escolha ele não havia feito. Preso no dia 24 de janeiro de 2014 por porte ilegal de arma de fogo e por tráfico de drogas, o jovem passou trinta dias na Penitenciária Desembargador Flósculo da Nóbrega, mais conhecida como Presídio do Róger, na capital paraibana. Por lá, ao entrar na cela, Havid deu de cara com rostos conhecidos como os de detentos que trabalhavam para ele do lado de fora com a venda de drogas. Com gente, como ele diz, que o que mandasse fazer, ele faria. Entretanto, com poucos meses de volta ao mundo do crime, foi suficiente para o detento entrar na unidade prisional com muitos desafetos conquistados pelo trabalho na criminalidade.

- Entrei na cadeia, como se diz no linguajar do crime, com uma guerra, com alguns problemas. Com trinta dias eu saí.

Neste mês em que passou preso, Havid recebeu a visita de um amigo que ele havia deixado para trás há algum tempo, o pastor da igreja que o pai frequentou. Em liberdade, o jovem foi para um retiro de carnaval em Porto de Galinhas, na cidade

pernambucana de Ipojuca. Era tempo de tentar se reconectar com sua espiritualidade, mas também para repensar como estava indo sem a presença do pai. Havid retorna a João Pessoa, onde é questionado pelo pastor o que ele iria fazer, se permaneceria na capital paraibana.

- Aí eu fui para uma missão de jovens da igreja em Recife, onde fiquei seis meses.

Com o término do período em Recife, Havid retorna novamente a João Pessoa. Os velhos problemas do crime persistiam em o procurar, assim como as velhas amizades.

Durante uma tarde, o jovem resolveu sair com um desses amigos. O detento entrou em um carro, no volante, um amigo. Os dois estavam acompanhados de outro companheiro que ia em uma motocicleta, seguindo o veículo. Os jovens decidiram ir ao bairro Cabo Branco, na Zona Leste de João Pessoa. Era para ser apenas uma saída para fazer um lanche, fumar um baseado e depois Havid seguiria para a academia.

No caminho, por coincidência ou não, eles encontraram um dos problemas adquiridos no mundo do crime. Na sequência, a rua ouviu o som do carro parando, segundos depois o gatilho foi disparado. Esta é a motivação pela qual o detento está atrás daqueles grandes portões pretos, no alto da Serra da Borborema.

- Quando ele parou na frente de casa, a gente vinha praticamente na rua dele, que era caminho para nosso destino. Ele parou na garagem de casa, a gente também parou e aconteceu o crime.

Após esse episódio, no final de 2014, Havid passou alguns dias no município de Cajazeiras, no Sertão paraibano, depois retornou a João Pessoa. Tempo depois, ocorreu a primeira audiência do crime, onde foi constatado pelas investigações o seu envolvimento. Agora, considerado foragido, o detento fugiu para Campina Grande para a casa da atual esposa. Na época o casal estava apenas se conhecendo. Uma semana depois o jovem abriu o jogo para a companheira e contou sobre o crime. A mulher aceitou a realidade do jovem. Havid começou a viver entre a cidade e a zona rural de Campina Grande, sempre em visitas a companheira. Não demorou muito, Havid

descobriu que seria pai.

A vida precisava de algumas mudanças, isso era certo. Foi quando ele passou a residir com a mulher definitivamente em Campina Grande e começou a trabalhar em uma distribuidora de cimentos da família, juntamente com um primo, na Avenida Assis Chateaubriand. O tempo passou.

- A vida já estava caminhando e eu já tinha esquecido que era foragido.

Em um dia comum de trabalho, um cliente telefonou para Havid e pediu que ele chegasse cedo na loja para a realização de um cadastro e a entrega de alguns cimentos. O detento acordou cedo naquele dia de outubro de 2018 e foi trabalhar. Com a saída desse cliente, um outro homem estacionou um carro e entrou no estabelecimento e perguntou quem era Havid. Se tratava de um policial à paisana. O detento, sem saber que era o cumprimento do seu mandado de prisão pelo crime de homicídio, se identificou. Ele apenas achou que seria mais um cliente, quando foi dada a sua ordem de prisão.

- Minha esposa estava grávida, já tinha uma filha de dois anos, foi um baque. Fui preso e no outro dia fui transferido para a Máxima, foi onde caiu tudo.

Na Penitenciária Regional Padrão Campina Grande, conhecida como Máxima, o detento viu a vida que construiu nas ruas desmoronando. Era preciso pagar o que se devia à justiça, mesmo que o esquecimento do crime o acompanhasse e a vida tivesse sido refeita na normalidade. A prisão não apenas acabou com a rotina de família e trabalho, mas tirou a possibilidade de ver o nascimento do seu segundo filho. Quando o detento foi preso, sua esposa estava grávida de cinco meses do caçula.

Já há um certo tempo afastado da criminalidade, o retorno ao cárcere era algo diferente comparado a primeira vez em que esteve atrás das grades.

- Hoje tem facções. Quando eu voltei, eu não sabia se eu tinha amigos da facção de um lado ou do outro. Eu estava desligado.

Na Máxima, Havid ficou um ano e dois meses, sendo cinco desses nos pavilhões, onde geralmente ficam os detentos com maior periculosidade ou que não aceitam ou

não estão dispostos a trabalharem e, talvez, refazerem suas vidas no cárcere. Dados do Departamento Penitenciário Nacional (Depen) apontam que, em junho de 2021, do total encarcerado no país, 31% estavam envolvidos em atividades educacionais e apenas 14% estavam trabalhando. Já quem estuda e trabalha ao mesmo tempo integra apenas 1%.

Dos pavilhões, Havid foi morar em uma cela do setor da enfermaria após o diagnóstico de diabetes tipo I. A nova cela ficava próxima a ala da administração da penitenciária. São seis, sete vezes ao dia que ele precisa da insulina. Nesse tempo, Havid ficou trabalhando na cozinha da unidade prisional, até o dia da sua transferência para um local em que o detento possuía alguns desafetos antigos do crime e onde foi à sua primeira vista do sistema prisional. Era hora de retornar para casa, mesmo que preso. Havid foi transferido para o Presídio do Róger, na capital paraibana.

- No Róger, no outro dia que cheguei já comecei a trabalhar na cozinha também e depois virei barbeiro da unidade. Se não tivesse trabalhando, talvez teria me envolvido ainda mais no mundo do crime.

Em pouco tempo, outra transferência. Os velhos problemas que conquistou no crime não iam deixar o jovem em paz tão cedo. A convivência com os desafetos impossibilitava a permanência no Róger. Havid foi transferido para a Penitenciária Desembargador Sílvio Porto, ou apenas para o Sílvio Porto, como é conhecida a unidade localizada também em João Pessoa. Durante um ano e um mês no local ele continuou o trabalho de barbeiro, até pedir à administração para sair do serviço que desenvolvia. Por quê?

- Por conta dos outros apenados que trabalhavam e tinha muita confusão e eu me conhecia. Foi quando eu pedi para sair do trabalho e pedi transferência pra cá, para o Serrotão.

Depois que saiu do trabalho, Havid solicitou sua transferência para o Presídio do Serrotão, em Campina Grande. De todas as trocas de cadeias, essa transferência foi a única solicitada pelo detento, as demais foram decididas pela administração das

unidades. Com o passe autorizado para descer para o Serrotão, Havyd foi direcionado aos pavilhões, onde ficou quatro dias. Logo após, começou a trabalhar. O preso já passou pelo setor da cozinha e pelo trabalho no jardim do local. Quando me encontrei com Havid, ele dividia a rotina do cárcere com o trabalho na Faculdade Paulo Freire, agora no setor de Serviços Gerais.

O costume que seguia nas ruas de acordar cedo, permanece. Às 5h ele já está de pé, toma um banho e realiza o seu estudo bíblico. Dentro da cadeia, Havid retornou a busca pela espiritualidade que havia deixado para trás. Às 6h o trabalho começa. Juntamente com Maerson, é feita uma limpeza no local. Ao longo do dia, os detentos ficam à disposição para caso haja alguma demanda na área da limpeza. Essa rotina segue até o final da tarde, quando termina o expediente.

No fim do expediente uma fila de detentos se forma do lado de fora da faculdade, composta por presos que estudam e trabalham no local. Todos descem uma ladeira que corta o caminho de volta para as celas. Os reeducandos são acompanhados pelos agentes. A visão é de uma fila de homens de uniformes que os identifica como presos, o branco da camisa e o laranja do short ou calça. Do outro lado, seguem os agentes armados, com uniforme preto, escrito em letras brancas “Polícia Penal”.

As conversas são poucas por parte dos policiais, os detentos não falam neste momento, apenas o silêncio. Eles seguem para suas moradas, seja para o pavilhão dos trabalhadores ou para a cela do setor em que trabalha. Havid segue para a moradia do Serviços Gerais.

- Desço, tomo um banho, faço a janta, vejo uma televisão e vou dormir. É essa a rotina. A gente está em um lugar que é difícil, com muitos homens, tem discussão. Aqui não tem como dizer eu vou viver isso ou aquilo, não. Aqui na cadeia é um dia após o outro tentando buscar algo diferente, ocupar a mente e tentar se desligar do crime.

Neste tempo de trabalho, Havid recebeu um outro diagnóstico, dessa vez de um tumor nos testículos. O detento passou por uma cirurgia em novembro de 2022, o

tumor era benigno. Mas, durante os exames, outra descoberta, mais um tumor. Esse ainda segue em fase de investigação. Havid esperava, na época, por uma ressonância para saber se o tumor havia se desenvolvido e como seria a cirurgia.

Por conta da diabetes, o detento também não consegue participar de alguns dos projetos que são desenvolvidos na cadeia para remição da pena, como o de leitura, regulamentado pela resolução do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) nº 391/2021. De acordo com o CNJ, cada obra lida corresponde à remição de quatro dias de pena, limitando-se, no prazo de 12 meses, a até que obras efetivamente lidas e avaliadas, com a possibilidade de remir até 48 dias por ano.

- Já li alguns livros, só que por causa da diabetes minha vista dificulta. Eu começo, mas não consigo e tenho que parar.

Essa rotina de trabalho é quebrada nos dias de visita, quando chegam sua esposa e, por vezes, os dois filhos. As crianças só o visitam em tempos específicos, quando, segundo ele, “a saudade realmente aperta”. Para Havid, isso é um mecanismo para não se entregar à saudade e aos pensamentos na vida do lado de fora daqueles muros.

Nas conversas com os filhos, o detento se vê neles quando a menina fala da paixão pelo skate e pelo surf, esporte em que ele foi destaque no início dos anos 2000. O menino fala das partidas de futebol e do início no jiu jitsu sem a presença do pai. Já a mãe de Havid, hoje com 50 anos, vem dos Estados Unidos ao Brasil uma a duas vezes no ano, tempo em que visita o filho no cárcere. Com a voz embargada, um suspiro, quase fim de tarde daquele 19 de setembro de 2023, Havid fala da saudade que sente do pai.

- Sinto muita saudade do meu pai. Acho que se eu [há uma pausa, outro suspiro] se eu tivesse sido preso com ele vivo, acho que teria sido tudo diferente. Na verdade, se ele estivesse vivo, acho que eu nem teria sido preso. A falta dele para mim é muito grande.

O dia está quase terminando, os agentes já passam em frente à porta olhando para dentro da sala que estou com o detento, como quem diz “já está dando a hora,

você precisa sair”. A conversa continua, apesar do pouco tempo que me resta ali. Havid fala da motivação pela qual entrou no crime.

- As amizades. Creio eu que tudo isso foi por amizades erradas. Sempre fui um cara muito desenrolado, quando eu cheguei no crime eu me envolvi. E hoje eu vejo que essas amizades eu não quero mais para minha vida.

As lembranças do crime, apesar das tentativas para esquecê-lo, também o perseguem. O jovem, vítima do crime que Havid cometeu, também era filho único, de pais bancários, da classe média da capital paraibana. As semelhanças entre os dois seguem no mundo do crime. Ambos compraram a guerra imposta pelas drogas, seja financeira ou de comando territorial. Segundo o detento, não foi um crime planejado, mas que se ambas as partes se cruzassem, iria ocorrer. Bastava unicamente saber quando, onde e quem iria encontrar quem antes do aperto do gatilho.

- Me envolvi em crime de um cara que nunca conversei.

Com o passar dos dias, são essas lembranças que Havid tenta deixar no esquecimento e, assim, desenhar um futuro possível ao lado da esposa e dos filhos. A vontade é de uma faculdade, mas antes deixar que a companheira realize os sonhos que ela teve que abdicar em virtude da prisão do esposo. Das lições que pôde tomar com a vida no cárcere, o detento leva consigo o amadurecimento, o valor da família e o tempo com os filhos.

- Se a gente pensar muito lá fora, muito na saudade, enlouquece.

## 4. POR ONDE ANDA A LIBERDADE?

*“Já fui preso três vezes e desde os meus 17 anos vivo mais preso do que solto. Tô com 35, se passei muito na rua foi 2 anos”,  
Manoel Sérgio.*



O retorno naquele local já fazia parte da minha rotina, sempre às quintas-feiras, por volta de 15h30min, logo após apresentar um boletim de notícias na rádio, falava com meu supervisor, pedia autorização e seguia para o Presídio do Serrotão. Pegava a Avenida Floriano Peixoto, em alguns minutos já estava na BR-230, na garupa de algum dos inúmeros motorista por aplicativo que me deixou no local dessas histórias.

De longe já se avistava a grande muralha, a placa antes da entrada sempre identificava aonde estávamos chegando, não que isso fosse necessário para saber onde estávamos. Os agentes, a muralha e a segurança do local identificavam o Serrotão.

- É para o presídio mesmo?

Indagou o motociclista estranhando a localização. Respondi que sim.

- O senhor é advogado?

Não sei se a roupa mais formal ou a curiosidade mesmo talvez o fizesse pensar nessa pergunta. Respondi que não. Disse que era estudante de jornalismo e que estava realizando um trabalho naquele ambiente cercado por muros. Chego ao meu destino, agradeço a viagem e, ao olhar para frente, o grande portão preto está novamente diante de mim.

Era uma tarde quente de 7 de novembro de 2023. Ando em direção a entrada, o som dos meus passos é cortado pela voz de um agente. Identifico-me e realizo o procedimento padrão, que já era conhecido por mim. Subo a ladeira que corta a entrada das demais áreas do presídio, a exemplo do prédio da Administração, Padaria, Enfermaria, entres outros setores que compõem o cárcere. Ao me aproximar da Administração avisto Mercilene, policial penal essencial na realização deste trabalho. Era com ela que eu marcava minhas entradas no presídio.

Ela está no telefone, há alguns outros agentes espalhados entre a porta da Administração, a entrada para os pavilhões e outros que seguem caminho para seus afazeres dentro da unidade. Aguardo Mercilene finalizar a sua ligação. Nesses mo-

mentos, gostava de observar cada detalhe que pudesse estar aqui para contribuir na escrita e na percepção do leitor em compreender o ambiente do cárcere. Ela segue em minha direção, nos cumprimentamos e seguimos para a sala de espera que fica antes da entrada para a sala do Diretor Sucupira. Aguardo enquanto a história que conto neste capítulo não chega.

Manoel Sérgio da Silva Neto é minha história. Nos sentamos de frente um para o outro, converso antes de iniciar a gravação, explico o objetivo, peço autorização para gravar e fazer a utilização do nome. Coloco o microfone de lapela em mim e em Manoel Sérgio, aperto o botão vermelho do gravador e inicio algumas horas de conversa para entender quem está lá.

- Eu sou Manoel Sérgio da Silva Neto e eu permito que o senhor use meu nome para esse trabalho.

É assim que a gravação começa. De Santa Cruz do Capibaribe, no estado de Pernambuco, Manoel Sérgio estudou até a segunda série do Ensino Fundamental, assim como os pais que foram até a quinta e sexta série do mesmo grau de escolaridade. O filho de Maria da Luz e José Rinaldo é um homem moreno claro, de olhos castanhos, de um metro e oitenta e dois centímetros. Na mão esquerda, o detento utiliza uma aliança, símbolo do relacionamento que tem há doze anos com a esposa. Entretanto, a união só foi oficializada há três anos, já dentro da cadeia a pedido do pastor da igreja que a mulher frequenta. O casamento era necessário para que ela visitasse o marido no cárcere.

- Porque através dela ser evangélica, o pastor só permitia que ela vinhesse me visitar, por mais que ela fosse minha esposa, e para ela permanecer na igreja, o pastor pediu o casamento civil. Aí eu fui e casei com ela no civil aqui dentro já.

A cerimônia de casamento não foi nada parecido com algo que conhecemos, não pelo lugar em que Manoel se encontra. No dia da união civil, os dois ao menos se viram. Apenas um documento foi levado até o presídio para que ele assinasse e só, casados. O pedido do pastor foi atendido e as visitas poderiam ocorrer.

Filho de costureira, Manoel cresceu vendo a mãe trabalhar arduamente para sustentar ele e a irmã após a separação dos pais, quando ele tinha 6 anos de idade. O pai, que também trabalhava comercializando roupas no Polo de Confeções de Santa Cruz do Capibaribe, atualmente vive em uma cadeira de rodas em decorrência do alcoolismo e de uma diabetes forte. Seu José Rinaldo tem os dedos das mãos e dos pés amputados, se alimenta por meio de uma sonda e vive sob os cuidados de uma irmã.

O detento não apenas perdeu a liberdade quando começou no mundo do crime, mas também o contato com alguns familiares, como o caso da sua irmã, Maíara, que preferiu se afastar quando viu o irmão cometer os primeiros delitos, ainda menor de idade. Atualmente os dois não mantêm nenhum tipo de contato, apenas as lembranças das brincadeiras quando ainda crianças permanecem com Manoel. A prisão também tirou o convívio com a mãe, Dona Maria da Luz, de 59 anos, a qual o preso não vê há oito anos, dos dez em que está preso.

- Hoje em dia não tenho visita da minha mãe. Faz oito anos que eu vi minha mãe pessoalmente. Só vejo quando eles liberam uma chamada de vídeo, aí é quando eu vejo ela.

A irmã de Manoel abandonou o trabalho de professora em uma escola particular para cuidar da mãe, que vive com problemas de saúde nos ossos e já não pode mais seguir no ofício de costureira. Na residência da família há cinco máquinas de costura que, hoje em dia, são usadas pela jovem, de 29 anos, seguindo com o mesmo trabalho da mãe, além da venda de produtos de beleza e de outros utensílios para completar a renda da família.

- Minha mãe me deu educação, eu que não quis. Ela chegava a me bater para eu ir para a escola, ia pra aula com raiva. Na sala, eu inventava que ia ao banheiro e pulava o muro da escola para ir jogar bola, brigar com os moleques, jogar pedra nos cantos. Quando chegava em casa, levava uma outra surra da minha mãe.

Tudo isso mudaria com a sua primeira detenção em 2006 aos 17 anos de

idade pelo crime de latrocínio (roubo tendo como resultado da violência a morte da vítima), na cidade de Santa Cruz do Capibaribe. Com isso, Manoel Sérgio foi encaminhado para o Lar do Garoto, no município paraibano de Lagoa Seca (Comarca de Campina Grande), onde permaneceu por três anos.

- O Lar do Garoto é pior que o presídio, porque lá a pessoa é de menor e tanto faz se ele matar dez lá dentro ou quebrar tudo que a pena não aumenta. E quando eu fui preso faltava dois meses para eu ficar de maior, já era diferente. Fiquei em uma ala separada dos de menores. A Justiça só me soltou quando eu fiz 21 anos.

Durante este tempo de detenção, o pernambucano aprendeu a fazer artesanato por meio da técnica japonesa Origami, que consiste em fazer dobraduras de papel, formando, assim, pequenas esculturas, além do artesanato através de palitos de picolés. O aprendizado no Lar do Garoto se tornou uma renda quando o detento foi preso novamente.

O tempo vai passando, seguimos sentados na entrada da Administração do prédio, a conversa é seguida por agentes, advogados de presos e detentos circulando nesse espaço. Lá fora, o sol ainda segue alto na Rainha da Borborema. Por vezes, com essa circulação de pessoas ao nosso entorno, Manoel faz algumas colocações em voz baixa, como se tivesse vergonha do que está contando, depois retorna ao tom de voz normal. A conversa segue.

Com 21 anos Manoel ganhou a sua liberdade de volta, o que não durou muito tempo, na verdade, apenas 7 meses. De volta ao estado pernambucano, em Santa Cruz, ele começou a trabalhar no Parque da Feira, no Polo de Confeções da cidade, ajudando a mãe, que chegou a comprar uma moto para o jovem na tentativa de ajudar a mudar o destino do filho. Manoel ainda passou um tempo frequentando a igreja ao lado de dona Maria da Luz.

- Depois eu fui me afastando da igreja, curtindo na moto, bebendo, fazendo essas coisas todas. Minha mãe me avisou que se eu não parasse iria tomar a moto de mim e vender, só que eu não acreditava.

Tempo depois, a costureira cumpriu com a sua palavra, diante das atitudes do filho, pegou o veículo e vendeu.

Manoel Sérgio voltou ao mundo do crime de vez, até ser preso durante um assalto. Desta vez, ele foi levado para o Presídio de Caruaru, em Pernambuco, onde ficou dois anos e dois meses, até ganhar o direito de responder pelo crime no regime semiaberto, previsto no Código Penal.

De Caruaru, o preso seguiu para cumprir pena na cidade de Canhotinho, também em Pernambuco. Passado um certo período, a Justiça concedeu a sua liberdade condicional, onde o condenado cumpre algumas regras para obter o benefício, a exemplo de bom comportamento dentro da cadeia. Com a condicional, Manoel pôde retornar para a sua cidade natal, Santa Cruz do Capibaribe.

Já vivendo com a sua esposa atual, a vida seguiu calma por apenas três semanas. Tempo necessário para a polícia bater de novo em seu endereço. A cadeia insistia em ser destino.

Um velho passado resolveu retornar à vida de Manoel. Na adolescência, o detento havia sido apreendido pelo crime de latrocínio, período de detenção que passou no Lar do Garoto. Em 2014, mataram o irmão dessa primeira vítima. O pernambucano foi apontado como sendo o responsável por esse segundo crime, de homicídio. Acusação esta que ele nega.

- Eu matei o irmão desse cara, que foi o latrocínio. Em 2014, quando eu saí, mataram o segundo irmão, a família jogou para mim. Mas Deus é prova disso que eu respondo um homicídio que não fui eu. Sei quem matou, mas não fui eu.

O mandado de prisão contra Manoel Sérgio foi emitido em São João do Cariri, na Paraíba. Os policiais chegaram à residência da mãe do preso nas primeiras horas do dia, chamaram Dona Maria da Luz e perguntaram pelo filho, que, naquele momento, estava na casa da esposa. A mãe já desesperada em ver a polícia mais uma vez em busca do único filho homem, ligou chorando para a nora, informando o que estava acontecendo. A mulher avisa ao detento.

Como o pernambucano estava na condicional, ele achou que as cinco viaturas parando em frente a casa de sua mãe fosse algum procedimento padrão para saber se Manoel estava cumprindo as regras para o benefício. Engano.

- Eu fui normal com minha esposa. Chegando lá não me algemaram, me colocaram dentro da viatura e me levaram para a delegacia.

No local, o delegado plantonista puxou umas folhas, leu para o acusado do que se tratava e esclareceu que aquilo era um mandado contra um crime de homicídio, onde Manoel era apontado como responsável.

- Eu me desesperei, cai no choro, chorava igual a uma criança. Porque eu sabia que estava sendo acusado de uma coisa que eu não cometi.

Preso há dez anos, o detento passou cerca de dez meses em São João do Cariri, de onde foi transferido para Serra Branca, também no estado paraibano. Foi nesse tempo, durante dois anos e dois meses, que Manoel pôde colocar em prática o artesanato que aprendeu na primeira detenção. Com o trocado que ganhava tentava comprar alguma coisa para si. Lavar roupas de outros presos também era uma saída para conseguir uma bolacha ou uma caixa de cigarros.

A conversa sobre as passagens do preso em algumas cadeias segue, entre conversas de agentes próximos que circulam em suas atividades. Alguns param naquele momento para tomar um café. Era um dia tranquilo.

O cenário mudaria em 2017, quando Manoel foi transferido para o PBI - Penitenciária de Segurança Máxima Doutor Romeu Gonçalves de Abrantes, em João Pessoa, onde ele tinha apenas 20 minutos de banho de sol.

– Lá em passei 1 ano trancado. É o pior presídio que já vi na minha vida.

A vida no PBI não era fácil, celas sem iluminação, luzes apenas nos corredores, superlotação, sem visita da esposa por conta da distância e das condições financeiras do casal. Manoel procurava uma saída daquela situação quando, com onze meses lá, pediu para trabalhar na unidade. Era também um caminho para conseguir uma transferência para Campina Grande.

Trabalhando na parte da cozinha da Penitenciária, o detento conseguiu sair da pequena cela sem iluminação e passou a dormir na ala destinada aos presos que desenvolvem algum trabalho na unidade. Nessa época, Manoel recebeu a ajuda do Chefe de Disciplina, Seu Lopes, que conseguiu uma pasta ou um sabonete quando o preso precisava.

Com seis meses trabalhando na Casa, o detento viu a possibilidade de iniciar os pedidos para uma transferência. Durante todo o tempo em que esteve no PBI, o preso não recebeu visitas da esposa. O casal não tinha recursos para pagar as despesas para uma viagem da mulher à capital paraibana, ficava impossível também de mandar o básico que fosse para Manoel.

- Lá dentro o crime é como se vê na televisão. A maioria dos crimes que acontecem no meio da rua, é mandado de dentro dos presídios. Lá tem os chefes das facções, Okaida, PCC, Estados Unidos. É os que mandam nas favelas de João Pessoa e dos interiores.

Só em 2019 Manoel Sérgio conseguiu então a transferência para a Máxima - Penitenciária Regional Padrão de Campina Grande. Colocado nos pavilhões com os demais presos, o pernambucano foi escolhido pelos detentos para transportar drogas e celulares dentro da unidade. Ele recusou a atividade, o que não foi bem visto pelos demais ocupantes das celas. Era preciso sair dali.

- Eu fui e expliquei e me mandaram colocar na Enfermaria, porque eu não podia entrar pra dentro do convívio. Fiquei três meses na Enfermaria, depois me chamaram para trabalhar dando procedimento.

O chamado procedimento dentro da cadeia é a ação dos policiais dentro de celas a procura de drogas, celulares, armas ou qualquer objeto que não possa estar entre os detentos. Para esse serviço é escolhido um preso. Manoel tinha essa missão, desta vez, do lado contrário, não havia como negar.

No início da pandemia de Covid-19, em 2020, Manoel Sérgio foi novamente transferido para o local onde estamos hoje, o Presídio do Serrotão. Acordando às

3h da madrugada, o detento toma um banho e fica no aguardo dos agentes para a abertura dos pavilhões, o que ocorre por volta das 5h40.

Às 6h e ponto o detento está em seu posto de trabalho, na padaria da unidade prisional. Às 7h30 o serviço é encerrado até a sua retomada às 12h30, quando é feito o pão da tarde. Nesse tempo livre Manoel desenvolve outros trabalhos, como limpeza de alguma área, lavagem de viaturas, entre outros. Quando não há serviços, o destino é o Pavilhão IB - onde só mora quem trabalha. O local fica bem no início do presídio, logo após o portão de entrada para a parte de baixo da unidade.

- Todo dia é essa rotina.

A vida também é dividida com a saudade da mãe, da esposa e, principalmente, da liberdade.

- Já fui preso três vezes, desde dos meus 17 anos que vivo mais preso do que solto. Eu tô com 35, se muito na rua eu passei dois anos. Minha esposa é de longe, ela não tem condições de ficar vindo me visitar, passo dois, três meses para receber visita dela.

O tempo na cadeia fez com que Manoel tivesse que tomar remédio controlado para conseguir dormir. O preso passou por um psiquiatra e, agora, faz uso de um comprimido diário para dormir. A fé também acompanha as medidas para tentar aliviar o cárcere, assim como as orações da esposa religiosa.

- Tanto eu peço forças a Deus, como ela também. A gente vive orando para que Deus me dê outra oportunidade, porque eu não aguento mais tirar cadeia. Todo dia eu tomo remédio para dormir, porque minha mente fica perturbada pelo tempo que tô tirando cadeia.

No Serrotão, Manoel também realiza o chamado procedimento, a pedido do próprio preso para participar da atividade. A sentença do pernambucano é de 33 anos, unificando os três crimes. Manoel deve retornar às ruas em 2027, entretanto, com o direito de redução da pena previsto na lei pelo trabalho do preso dentro da unidade, ele espera que a liberdade seja possível ainda em 2025 ou no início de

2026.

O preso recebe visita da esposa, com quem tem dois filhos, um de oito anos e outro de um ano e quatro meses na época desta entrevista. Além disso, Manoel Sérgio tem duas filhas de um outro casamento.

- De todo esse tempo que estou preso, a maior lição é o sofrimento.



## 5. O TEMPO E O SILÊNCIO

*“Meu crime eu não queria falar não. Isso aí mexe muito comigo, me dá muita raiva”, Seu Ednaldo, 58 anos.*

Ao longe, entre os agentes, um senhor com olhar baixo e discreto vêm se aproximando de onde estou. Ele usa uma calça e uma camisa, uniforme da penitenciária, e um óculos de grau. O detento deve ter um metro e sessenta e três centímetros de altura, de pele e olhos escuros.

Seu Pedro, de 58 anos, seria o personagem deste livro que teria mais história para contar em decorrência da sua idade e, conseqüentemente, das suas vivências ao longo da sua vida. Entretanto, o homem que senta-se à minha frente parece cansado da vida, com uma raiva do tempo ou talvez guarde uma saudade, dessas que incomoda o sujeito quando fala sobre o passado.

Durante o relato de Seu Pedro não saberemos qual o crime o detento cometeu. O campinense escolheu o silêncio para muitas perguntas. O nome utilizado também não será o do preso, por sua escolha.

De família humilde, de pais analfabetos e agricultores do município de Guarabira, no Brejo da Paraíba, o detento teve uma infância simples, sem muitas condições que permitissem viver esta fase da vida de modo adequado. O preso, que é o filho mais velho de quatro irmãos, três homens e uma mulher, concluiu o 4º ano do Ensino Fundamental. Seu Pedro deixou a escola e começou a trabalhar aos 12 anos na Feira Central de Campina Grande para ajudar nas contas de casa. A venda de fósforos, sal, esponja de aço e até mesmo de sabão ajudava nas despesas de casa.

- Eu estudei muito pouco, comecei a trabalhar muito novo para ajudar o pessoal em casa. Minha infância foi essa, trabalhar, trabalhar e trabalhar mesmo.

Essas palavras são ditas em uma voz de tom baixo, de olhares que desviam, por vezes, do meu. O horário de acordar era 5h da madrugada, levantar e seguir para a feira, pedindo a Deus que o dia fosse bom de vendas. A rotina era dividida em trabalhar, voltar para casa, assistir televisão e dormir.

A família vivia em uma casa alugada, em uma área considerada pela Defesa Civil de risco, sem água encanada, energia elétrica ou sistema de esgoto.

- A gente pegava água em outras casas distantes de onde morávamos, lá perto

não tinha. Era um banheiro para cinco, seis casas, era uma agonia danada para usar um banheiro.

Em 2022, a falta de abastecimento adequado de água atingia 6,2 milhões de brasileiros e 49 milhões viviam em lares sem descarte adequado de esgoto, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Seu Pedro não lembra quantos anos tinha quando o pai decidiu ir embora e deixar a família, só sabe que foi entre os 15 e 16 anos. Desde então viu a mãe trabalhar sozinha, lavando roupa dos outros, para sustentar os filhos, agora com a ajuda dele e do outro irmão que também deixou a escola e começou a trabalhar. Apesar de não ter sido uma infância e adolescência tranquilas, ainda sobrava um tempo para se divertir e lembrar que, apesar de não parecer, eles eram apenas crianças.

- Eu brincava, jogava bola mais os meninos aos sábados e domingos, às vezes. Sempre sobrava um tempo para brincar.

Saindo da Feira Central de Campina Grande, aos 17 anos, Seu Pedro começou a trabalhar como servente em algumas obras da cidade. Com o passar do tempo, foi pegando gosto pela profissão, tornou-se pedreiro, ofício que segue até hoje mesmo dentro do presídio. Quando tinha 22 anos, o preso lembra que a família conseguiu a casa própria e alguns problemas foram solucionados, como a falta de água e energia.

O detento só sairia da casa da mãe aos 38 anos, quando conheceu uma mulher e foi morar com ela. Tempo depois, o primeiro filho nasceu. Entretanto, um caso com uma segunda mulher iniciou-se durante o seu casamento. Com esta segunda companheira, Seu Pedro passou oito anos e teve o seu segundo filho, uma menina, tempo depois o relacionamento extraconjugal teve fim.

Os anos se passaram, e o terceiro filho do casamento com a esposa nasceu. O primeiro relacionamento também chegou ao fim após 16 anos. Com o término, o preso chegou a conviver por um tempo com uma irmã de sua ex-esposa, mas tam-

bém não deu certo. O término também chegou para o novo casal. Desde então, o campinense decidiu permanecer só.

Aos 58 anos, Seu Pedro leva consigo a dor de ter perdido um dos filhos, o seu primogênito. Ele não comenta sobre o assunto, se limita a dizer que o filho foi morrer no céu aos 32 anos, vítima de disparo de arma de fogo. O luto ainda é amigo presente. O embargo na voz o cala por alguns segundos. Seu Pedro já perdeu o pai e a mãe também.

- Não quero falar.

A vida foi passando e se ajustando como deveria ser ou tentava ser de alguma forma. Seu Pedro até tentou voltar a estudar, tentava recuperar o tempo que não teve quando criança dentro de uma sala de aula, entretanto, não conseguiu se adequar a rotina que aquela nova fase exigia e desistiu. Dentro do presídio, o detento também não conseguiu voltar aos cadernos.

- Não estudei quando era novo, depois de velho não tenho mais cabeça não. Não tenho paciência.

Fora da prisão, o detento trabalha como autônomo, já que as empresas não querem mais assinar a sua carteira em decorrência da idade. Durante 18 anos, ele trabalhou com o documento assinado. Em algumas mudanças, o preso residiu em diversos bairros de Campina Grande, entre o Catolé, José Pinheiro, Liberdade, Alto Branco, Malvinas e, antes de ser preso em 2021, foi morar no bairro das Cidades.

- Eu não lembro, porque eu vim bêbado. Tinha chegado de umas festas, e ia saindo de novo, quando me levaram. Peguei no sono e acordei em um canto estranho.

O local estranho era a Central de Polícia Civil de Campina Grande, localizada no bairro do Catolé. Seu Pedro estava preso e sequer percebeu o momento de sua prisão. Ele não sabe precisar o dia e que só depois é que se deu conta do que realmente estava acontecendo. A partir daquele momento, portões, agentes, cadeados

e a solidão do presídio os fariam companhia.

Da Central de Polícia Civil, o preso foi transferido para a Máxima, onde permaneceu um ano e três meses. Por lá, logo após três dias da sua chegada, começou a trabalhar com a profissão que aprendeu aos 17 anos de idade. Vivia nos pavilhões dos trabalhadores até a sua transferência para o Serrotão, em setembro de 2022.

Sigo a entrevista até chegarmos no momento sobre a vida do entrevistado no mundo do crime. Pergunto o motivo que levou Seu Pedro até onde ele está hoje.

- Rapaz, meu crime eu não queria falar não. Isso aí mexe muito comigo, me dá muita raiva. Quero sair daqui e voltar a minha vida normal. Tenho muitos clientes, vou voltar a trabalhar, sustentar minha casa e meus filhos, se precisarem de alguma coisa.

Para o preso, ele está pagando por um crime que não cometeu. O detento foi condenado há quatro anos e três meses, dos quais já pagou três anos.

- Me acusaram. Sempre aparece gente que não presta para acabar com a vida dos outros. Isso existe em todo canto. A minha sorte é que minha pena foi pouca.

No Serrotão, o detento reside no pavilhão dos trabalhadores, onde moram cerca de 60 presos, e segue com os serviços de pedreiro dentro da unidade prisional. Para o preso, a cadeia é dividida entre as regras da Direção Geral da Unidade e as regras impostas pelos detentos que comandam os pavilhões.

- Lá (no pavilhão dos trabalhadores), os caras são uns caras bacanas, são tranquilos, não tem confusão. Se um precisa de uma coisa, outro ajuda. Lá é tudo tranquilo. Lá embaixo, eles impõem as regras deles, têm as regras dos diretores e têm as deles. Faz isso e não faz aquilo. E são regras rígidas, lá o cara tem que ser certo demais. O cara pode ser bandido lá fora, mas ali ele não é não. Ali ele corre certo demais.

Outra regra é a limpeza, a faxina é dividida entre duas turmas, a cada semana uma equipe é responsável pela limpeza do pavilhão. Já os banheiros, que são quatro, todo dia devem ser limpos. Cada banheiro deve ser organizado por quem o

utilizar.

A distração dos detentos é uma partida de futebol, por vezes, aos domingos. Neste momento, Seu Pedro aponta para uma quadra que está atrás de onde estamos sentados. Ela fica ao lado da padaria, bem em frente ao prédio da administração.

- É porque o tempo é pouco. Às vezes a gente bate uma bola aí. Mas a gente já sai daqui de 16h e 16h40 fecha, 40min não dá tempo da gente bater bola. Lá nos pavilhões tem uma quadra, mas é pequena, não presta.

Durante a semana, o horário para se levantar é às 5h, onde ele segue para tomar o seu café, em seguida, já começa o trabalho, até às 11h. Há uma pausa para o almoço, o retorno para os serviços ocorre às 13h e segue até às 16h.

- Depois retorno ao pavilhão, tomo um banho e janto. Se quiser assistir a uma televisão, assisti, se não, vai dormir.

Em dias de visitas, o preso recebe o filho mais novo, de 25 anos, que consegue ver o pai com mais frequência. O jovem trabalha com consertos de telefones próximo a casa do pai. A filha, de 29 anos, entretanto, consegue estar no presídio poucas vezes, por residir em outra cidade e trabalhar viajando entre os municípios de Campina Grande; Patos, no Sertão paraibano, e a capital paraibana João Pessoa.

- O tempo dela é muito curto. Ela vem, mas fora do tempo de visita, quando vem é no meio da semana. Ela entra porque o esposo dela é policial, ela vem com ele e entra. Mas ela não pode vir direto.

O campinense também pensa na liberdade, nos dias que retornará às ruas de Campina Grande. Algumas amizades com detentos e com agentes penitenciários devem continuar após os seus pés cruzarem o grande portão preto.

- Quero me casar de novo. Viver só não dá certo não. Sinto saudades da minha ex-esposa. Acho que aqui eu aprendi a ser mais humano com o sofrimento.

## 6. A VIDA, AS VONTADES E O PREÇO

*“Eu pensei em ter algo que eu não poderia ter pelo pouco que eu tinha”,  
Thiago Ferreira, 25 anos, condenado há dez anos por receptação.*



Com um metro e sessenta e oito centímetros de altura, Thiago Ferreira é um homem negro, de 25 anos, olhos castanhos e com três tatuagens pelo corpo. No momento da nossa entrevista, ele usa o short e a camisa que compõe o uniforme do presídio.

É início de tarde do dia 8 de novembro de 2023, estamos sentados em um banco que fica na entrada do prédio da administração da unidade. A circulação de agentes ao nosso entorno acaba desviando, por vezes, a atenção de Thiago, que se perde ao acompanhar o andar dos policiais penais. Ao perder o agente de vista, ele volta a olhar em minha direção.

- Nasci e cresci em Campina Grande. Sou do bairro do Jeremias, mas cheguei a morar também na Estação Velha.

Thiago tem oito irmãos, quatro homens e quatro mulheres. Seu pai conseguiu estudar até a sexta série do ensino fundamental. A mãe teve que trabalhar desde cedo como feirante e não teve a oportunidade de estudar, sabe apenas assinar o nome. Dos irmãos, apenas duas das mulheres deixaram a escola após engravidarem e irem morar com seus maridos. Os demais terminaram o ensino médio, assim como Thiago.

O detento tinha sete anos quando viu os pais se separarem. A partir deste momento, ele passou a residir na casa do pai, no bairro da Estação Velha, onde trabalhava durante o dia em um lava a jato que o pai possuía e, à noite, ia para a escola. A mãe seguiu morando no Jeremias com os outros filhos.

- Eu terminei meus estudos perto do meu pai e comecei a trabalhar perto dele. Minha rotina era trabalhar e estudar. Durante o dia trabalhava com ele e à noite procurava estudar. O horário era puxado.

Aos finais de semana, o jovem fazia alguns cursos, como natação, artes e informática em associações de Campina Grande. Essa rotina seguiu até os dezoito anos, quando decidiu voltar a morar com a sua mãe. A saudade foi o motivo. Entretanto, ao voltar a residir no Jeremias, Thiago fez uma escolha, abandonou os cursos que

fazia para apenas trabalhar e ajudar a mãe. As condições eram diferentes da casa do pai.

- Quando fui morar com minha mãe, passei apenas a trabalhar, deixei meus cursos, porque minha mãe não tinha as mesmas condições financeiras do meu pai. Segui trabalhando com ele para ajudar minha mãe.

Desde criança trabalhando com carros, o jovem se apaixonou pelo mundo automotivo. Depois de um tempo, após retornar a morar com a mãe, ele deixou o trabalho com o pai e iniciou um novo serviço em uma estética automotiva, localizada no bairro da Prata. A vida seguia em sua constante normalidade, as reuniões de família, a rotina do trabalho e as saídas com os amigos nos finais de semana.

O detento diz que foi a vontade de ter o que a sua condição financeira não permitia que fez com ele estivesse por trás daquele grande portão preto. Thiago responde pelo crime de receptação. Conforme o artigo 180 do Código Penal, adquirir, receber, transportar, conduzir ou ocultar, em proveito próprio ou alheio, coisa que sabe ser produto de crime, ou influir para que terceiro, de boa-fé, a adquira, receba ou oculte é crime.

- Comecei a praticar coisas que a lei não permite, que foi querer algo que eu não podia pelo pouco dinheiro que eu tinha. Os processos que eu respondo é por receptação, tá entendendo? Algo que eu comprei que era ilícito.

Thiago foi preso pela primeira vez com uma motocicleta ilícita, pagou uma fiança e passou a responder em liberdade. Após algum tempo, o detento foi preso novamente pelo mesmo crime, mas desta vez ele foi encaminhado para a Penitenciária Padrão de Campina Grande, conhecida como Máxima, onde cumpriu dois anos e treze dias da sua pena.

Dentro do presídio, o preso permaneceu nos pavilhões comuns, diferente de onde está hoje no Serrotão, onde cumpre a pena nos pavilhões dos trabalhadores.

- A cela tinha 25 pessoas e nem todas tinham acesso à cama, não. Tinham duas horas de banho de sol e o resto do dia era trancado.

A cela em que o detento estava era projetada para caber cerca de dez presos. Quem não tinha cama, dormia em acessos, tipo de becos da cela. Em 2019, o preso começou a responder o processo em liberdade e teve que retornar novamente ao lar da mãe, mas desta vez porque ele precisava informar à justiça um endereço fixo.

O campinense passou a responder pelo ato em regime aberto, onde o sentenciado pode trabalhar durante o dia e recolher-se em casa de albergado durante a noite, conforme previsto no artigo 33 do Código Penal. O preso seguiu trabalhando, conseguia ir em casa para almoçar e jantar e retornava para o albergue, no bairro do Monte Santo, no período da noite.

A rotina seria interrompida após Thiago conhecer a sua esposa, aos 20 anos, e deixar a casa da mãe para ir morar com a companheira. Agora era o trabalho, a esposa e pagar o que se devia a justiça. Em meio a tudo isso, o casal engravidou e teve um menino, com quem o detento pôde conviver por apenas três meses. Uma nova decisão da justiça mudou novamente a rotina do jovem.

No dia 13 de julho de 2022 Thiago não foi trabalhar nem voltou para casa, o juiz havia marcado a sua audiência. Do albergue ele seguiu para o fórum, onde a justiça mudou a forma como o preso deveria pagar pelo seu crime. A partir daquele momento, Thiago foi para o regime fechado. O seu bebê, com apenas três meses de vida, ficou sem o pai, a esposa sem o companheiro e a sua mãe viu o filho ficar ainda mais distante de casa.

Thiago responde por dois processos, ambos de receptação, sendo um com uma condenação de quatro anos e outro de seis anos.

- Eu estava albergado, o juiz marcou minha audiência e me colocou em um regime fechado. Do albergue eu fui para audiência e do fórum já me trouxeram para cá.

Ao atravessar aquele grande portão preto, Thiago já sabia o que iria fazer: assim que chegou conversou com a direção e pediu para trabalhar na unidade. O que ele pudesse fazer para passar o menor tempo possível naquele lugar, ele o faria. Já

a sua esposa, na época da sua prisão com 22 anos e com um filho recém-nascido, precisava buscar uma fonte de renda. A jovem começou a vender roupas online, trabalho que segue até a data desta entrevista.

- Ela trabalha com venda de roupas online. É uma coisa que hoje pode vender e amanhã não. É uma renda incerta.

O detento não chegou a descer para os pavilhões debaixo e foi encaminhado para o prédio onde moram os trabalhadores. Thiago começou a exercer a função de jardineiro da unidade prisional.

- Disse que queria apenas pagar meu crime e ir embora.

No presídio, o preso tornou-se evangélico e, sempre ao acordar, lê alguns versículos da bíblia. O que, para ele, é força para os dias mais incertos naquele lugar. Após isso, ele toma um banho e segue para o trabalho. Sempre busca conversar com os demais detentos e agentes do presídio na tentativa de distrair a mente e esquecer um pouco do tempo que, naquelas circunstâncias, tende a demorar a passar.

- Eu trabalho no jardim, tomo de conta da grama, aparo as árvores e rego as plantas. À noite busco ler mais a bíblia e estar nos cultos que tem. E no meu pavilhão eu tenho minha cama, meu lugar, busco sempre estar conversando com meus companheiros também.

Em busca de diminuir a sua pena, que é de dez anos, dos quais já havia cumprido um ano e três meses na data desta entrevista, Thiago também entrou no projeto de remição através da leitura, direito regulamentado pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ). O projeto determina que cada obra lida corresponde à remição de quatro dias de pena, limitando-se, no prazo de doze meses, a até doze obras efetivamente lidas e avaliadas, com possibilidade de remir até quarenta e oito dias por ano, conforme previsto na resolução do CNJ que trata sobre o tema.

Pensando em como oferecer algo melhor para o filho, que está com quase dois anos, em 2022, Thiago também realizou a edição do Exame Nacional do Ensino Médio para pessoas privadas de liberdade, o Enem PPL. O detento não tem um

curso específico que queira ingressar, mas vê nos estudos uma oportunidade de melhorar de vida.

- Acho que se eu passasse, eu teria a oportunidade de ter algo melhor. Eu penso nisso, porque não é só para mim, penso na minha família, no meu filho. Não quero ver de nenhum modo meu filho em um lugar desse, tá entendendo?

Sonhos esses que compartilha com a esposa e com o filho em dias de visitas aos sábados ou domingos. Thiago não tem contato com os irmãos, que não vão lhe visitar, assim como também não recebe visita da mãe, que não consegue conciliar os horários de trabalho na Feira da Prata com os de visitas no presídio. O detento também não recebe visita do pai, que deixou o trabalho no lava a jato e tornou-se caminhoneiro.

- Minha relação com meus irmãos é tranquila, mas não tenho contato porque eles não vêm me visitar, mas sempre foi uma relação boa. Hoje em dia só recebo visitas da minha esposa e do meu filho. Os horários da minha mãe não batem com os de visitas, porque ela trabalha nos finais de semana também.

Durante as visitas, Thiago pode ir até a cela do pavilhão e ficar mais reservado com a companheira, falar sobre os planos para a vida quando sair e matar a saudade que o casal sente. Esses dias, também, os presos são visitados por algumas igrejas evangélicas como a Universal, Verbo da Vida, Assembleia de Deus, entre outras denominações.

- Eles sempre vêm. A gente mata a saudade que tem né durante a semana, mas Deus vem agindo pra eu suportar isso.

Seguimos sentados no prédio da administração, é um dia movimentado dentro da unidade. Em outra sala, próximo de onde estamos, os agentes conversam sobre assuntos da vida e do trabalho. A impressão é que o tempo custa a passar naquele lugar, entretanto, o entardecer se aproxima. É quase o fim daquela quarta-feira, dia atípico para eu estar no presídio, mas o meu tempo para a escrita deste livro também estava no fim.

Retomamos o assunto sobre a motivação pela qual Thiago está no Serrotão.

- Eu pensei em ter algo que eu não poderia ter pelo pouco que eu tinha. Por conseguir fácil, acabei parando nesta situação. Não tenho outro motivo para estar aqui, eu não uso drogas e nem bebo. Mas eu creio que Deus tem um propósito para tudo e sabe o que está fazendo na minha vida.

Dentro da unidade, o detento também aprendeu a cortar cabelo, tocar alguns instrumentos e escrever letras de músicas. Para ele, o presídio é, sobretudo, lição. Thiago sabe da divisão que existe na cadeia, dos presos que estão nos pavilhões dos trabalhadores e nos que estão nos pavilhões da área inferior da cadeia. Quem busca cumprir a sua pena e não pretende retornar, em nenhuma circunstância, naquele local.

Nestes momentos, refletir sobre o que poderia ter sido feito diferente ou o que ainda pode ser feito acaba sendo um pensamento constante do preso. Alguns arrependimentos batem à porta, o detento externa algumas tristezas, solidões e sonhos em suas falas durante a nossa conversa, mas, voltar já não é possível. Tentar viver no presente é a melhor opção para não enlouquecer no presídio.

- Dentro do presídio a gente aprende a ter respeito, a se colocar no lugar do outro. A pessoa só não muda aqui se não quiser.

Thiago fala sobre a divisão entre os presos que trabalham na unidade e os que permanecem nos pavilhões que, por seus motivos, cumprem a pena sem buscar algumas das medidas ofertadas pelo sistema prisional com o objetivo da remição dos anos de cadeia. Para ele, muitos buscam outros caminhos dentro do presídio, entretanto, alguns permanecem na sombra do crime.

No Brasil, um dos problemas das cadeias são as facções criminosas que dominaram o território dos presídios e ditam suas regras paralelas às do sistema. Um dos exemplos é o Primeiro Comando da Capital (PCC), que tem como um dos lemas “o crime fortalece o crime” e, ao longo dos anos, vem se implantando e comandando o crime dentro e fora dos presídios.

- Aqui nós tem que se colocar no respeito, se colocar no lugar de preso, somos trabalhadores da unidade, mas somos presos. Mas aí tem uns que querem mudar e outros não. É focar no serviço e tentar caminhar certo. Pelo que eu conheço de alguns, por mim, eu não teria problema em ter amizade. Não olho pelo lado se é preso ou policial, mas como trata a pessoa.

Ao longo da nossa conversa permanece o entra e sai de agentes, alguns detentos do pavilhão dos trabalhadores também circulam onde estamos, há também a chegada e despedidas de advogados no local. Thiago retorna a falar sobre o que ele gostaria de ter feito diferente, do que ele tenta fazer, na tentativa de criar para si esperança de que algum dia algo possa ser diferente do que se é.

- Hoje em dia eu penso em me dedicar a algo. Aprendi muita coisa aqui e acho que tenho muita oportunidade de trabalho. Quero sair daqui e trabalhar para mim. O meu maior erro, que eu acho, foi sair da casa do meu pai. Mas um dos melhores acertos que eu tive foi de conhecer minha esposa e ter o filho que hoje eu tenho. O que eu tiver que passar eu vou passar.





SERROTÃO

NEGO

POLICIA

